

# RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 13/05/2024.

**GUILHERME MAGRI DA ROCHA**

**LITERATURA INFANTIL E MODERNISMO LITERÁRIO:  
palimpsestos e representações da consciência ficcional em textos de  
mulheres**

**ASSIS  
2022**

**GUILHERME MAGRI DA ROCHA**

**LITERATURA INFANTIL E MODERNISMO LITERÁRIO:  
palimpsestos e representações da consciência ficcional em textos de  
mulheres**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis,  
para a obtenção do título de Doutor em Letras  
(Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Dra. Cleide Antonia Rapucci

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do  
Estado de São Paulo (FAPESP, Processo N°  
18/11314-0; Bolsa Vinculada: FAPESP, Processo  
N° 19/15456-6)

ASSIS  
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

R672L Rocha, Guilherme Magri da  
Literatura infantil e Modernismo literário: palimpsestos  
e representações da consciência ficcional em textos de  
mulheres / Guilherme Magri da Rocha. Assis, 2022.  
393 f. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientadora: Dra. Cleide Antonia Rapucci

1. Literatura infantil - História e crítica. 2. Literatura em  
língua inglesa. 3. Literatura - Escritoras. 4. Mulheres e  
literatura. 5. Estilo literário. I. Título.

CDD 028.509



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

TÍTULO DA TESE: LITERATURA INFANTIL E MODERNISMO LITERÁRIO: palimpsestos e representações da consciência ficcional em textos de mulheres

**AUTOR: GUILHERME MAGRI DA ROCHA**

**ORIENTADORA: CLEIDE ANTONIA RAPUCCI**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em LETRAS, área: Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. CLEIDE ANTONIA RAPUCCI (Participação Presencial)  
Departamento de Letras Modernas / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. JOÃO LUIS CARDOSO TÁPIAS CECCANTINI (Participação Virtual)  
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. ELIANE APARECIDA GALVÃO RIBEIRO FERREIRA (Participação Presencial)  
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. ALTAMIR BOTOSO (Participação Presencial)  
UEMS / Campo Grande

Profa. Dra. SUSANA RAMOS VENTURA (Participação Presencial)  
Pesquisadora Independente

Assis, 13 de maio de 2022

À professora Cleide Rapucci que agora se aposenta, pela carreira dedicada à divulgação das literaturas de expressão inglesa, por acreditar na universidade pública de qualidade e batalhar por ela, e pela valiosa contribuição aos estudos de crítica feminista e de literatura de autoria feminina realizados no Brasil.

## AGRADECIMENTOS

A minha trajetória na Faculdade de Ciências e Letras de Assis teria sido completamente diferente se eu não tivesse tido a oportunidade - e, também, a sorte - de ter encontrado em meu caminho os professores Cleide Rapucci e Sérgio Zanoto, que transmitiram a mim sua paixão pelas literaturas de língua inglesa. Enquanto Cleide me ensinava a analisar narrativas e discutia com a minha turma de graduação o revisionismo dos contos-de-fadas no já distante ano de 2012, Sérgio me apresentava a Harold Bloom e a Alberto Manguel. Os dois, neste momento, me preparavam para o meu primeiro projeto, de Iniciação Científica. Foi nessa época que Sérgio me emprestou - e confesso que naquela época apenas folheei - *Alice to the Lighthouse*, livro que se tornou o pontapé inicial desta tese. Eles me ensinaram a viver a universidade. Cleide foi chefe de departamento e me mostrou como transitar nele, me presenteou com a oportunidade de ministrar aulas de língua e literatura inglesa na graduação, me levou a reuniões, me orientou na organização e na condução de eventos acadêmicos, na montagem e organização de periódicos, além de compartilhar comigo questões administrativas. Sérgio sempre foi um membro ativo da Adunesp e, através dela, me apresentou a professores de outros cursos, me possibilitou ter mais contato com funcionários da instituição e me colocou para promover eventos culturais. Há muito dos dois nas páginas que seguem. A eles eu sou grato por uma diversidade de vivências, mas neste momento sou especialmente grato pela paciência e pelo cuidado que sempre tiveram comigo, pela atenção, carinho e respeito. E, também, pela amizade. Eu sou plenamente justo e nada exagerado quando digo que tive a sorte de ter os melhores orientadores que um (pós)graduando poderia ter. Este agradecimento eu estendo também às suas famílias - de humanos, felinos e caninos (e talvez anfíbios) - por quem eu tenho um carinho enorme e que sempre torceram por mim e me receberam com gentileza e afeto. Um abraço especial à Mauren, que em meu primeiro ano de graduação me sugeria ler até mesmo o rótulo do shampoo. Cleide criou uma linda comunidade de orientandos e eu agradeço às meninas do Socorro Mútuo pelos momentos de descontração, apoio, abertura para diálogo e por tudo o que me ensinaram ao longo dos anos.

Não seria justo deixar fora desta primeira página a grande professora Eliane Galvão, que através de uma infinidade de frutíferas parcerias, me auxiliou - e ainda auxilia - no estudo da literatura infantil e juvenil. Foi ela quem me levou ao meu primeiro congresso (em Cornélio Procópio) e também ao último antes do início da pandemia (em Florianópolis). De uma ética ímpar e de um comprometimento com a pesquisa inigualável, a professora Eliane tem me acompanhado desde o meu primeiro dia de graduação e a ela e à sua família eu sou

muito grato por todos os bons momentos que compartilhamos nestes últimos anos. Obrigado por sempre me estender a mão, pela confiança depositada em mim e pela qualidade de ser incansável ao prezar pela excelência e pela qualidade da pesquisa em Letras.

Também agradeço:

à professora Ana Margarida Ramos pela supervisão do meu estágio de pesquisa na Universidade de Aveiro. Muito obrigado pelos diálogos, pelas indicações bibliográficas, revisões e sugestões. A professora é um exemplo de profissional e seu trabalho (seja enquanto orientadora, seja enquanto pesquisadora) é uma inspiração para qualquer um que se aventure pela pesquisa em literatura infantil. Também agradeço aos funcionários e colegas do Departamento de Línguas e Culturas, especialmente à Natália Alves, por terem me recebido com tanto carinho e serem tão solícitos comigo. Deixo um abraço afetuoso aos meus pais portugueses: José Augusto e Maria da Graça, duas das pessoas mais incríveis que conheci nestes últimos anos;

aos funcionários da Internationale Jugendbibliothek, por terem acreditado na minha pesquisa e terem me concedido uma bolsa de estudo. Este texto não existiria sem o acesso ao material da biblioteca. Agradeço pela gentileza de terem me permitido trabalhar em seu acervo de mais de 630 mil títulos infantis, além dos espólios de Jella Lepman e Hans Baumann. É imprescindível deixar um abraço apertado para Rebecca Wilhelm e Nadine Zimmerman, que não mediram esforços para que eu tivesse a melhor estadia possível. Estendo este agradecimento à Petra Woersching, pela dedicação. É preciso dizer, também, que eu adorava contar aos meus amigos que estava trabalhando num castelo! Ilona Schwider e Sir Lemon, obrigado por terem me recebido tão bem em sua casa. Também agradeço a Anna Elstermann e sua família, por terem sido tão doces e amáveis comigo;

à professora Victoria de Rijke pelas trocas enquanto minha mentora na International Research Society for Children's Literature. A professora me possibilitou pensar sobre o modernismo de uma forma que eu nunca tinha imaginado. Obrigado pelas valiosas sugestões e pela gentileza e agilidade com que sempre me respondeu. Também agradeço à IRSCL por ter me premiado com uma Travel Grant e pelos bons encontros que seus congressos possibilitaram. Conheci pesquisadores admiráveis durante esses eventos e percebi a literatura para crianças de maneiras até então impensáveis para mim. A associação é essencial para qualquer um que queira ter uma compreensão internacional da literatura infantil e uma dimensão global dela enquanto disciplina e ciência.

Nestes últimos cinco anos eu encontrei nas professoras Rosiney Vale e Daniela Garcia não só grandes parceiras em projetos nas universidades, como também queridas amigas com quem posso contar e cuja companhia me faz uma pessoa melhor. Agradeço a elas pela paciência e pela gentileza de socializarem comigo seus projetos e ideias. A universidade pública só tem a ganhar com pessoas como vocês. À Daniela eu agradeço, também, por cuidar de mim e da Cecília e deixo um abraço para sua carinhosa família. Agradeço ao professor João Luís Ceccantini, que me acompanha desde a graduação - indiretamente, até antes disso - e que esteve comigo em minha pesquisa desde a banca de qualificação de mestrado até a defesa de doutorado, pelas sempre valiosas contribuições, questionamentos e insistências. Agradeço a todos os que compartilharam textos comigo ao longo da tese: Sérgio Henrique, André dos Santos, Éder Capobianco, Luísa Guimarães, Gisele Lemos, Luiz Fernando Martins, Lissa Paul, entre outros. Agradeço, pelas parcerias e pela disponibilidade, aos professores Jorge Lopes, Francisco Alves Marques, Maira Pandolfi, Fátima Marcari e Kátia Mello e às queridas Caroline Buratti e Giovana Tavernari.

Eu pude escrever este texto graças à sólida rede de apoio que tenho e com a qual posso contar a todo o momento. Agradeço aos meus incansáveis pais, Sandra&Samuel - que me introduziram à literatura infantil quando pequeno, seja através de cantigas e canções de ninar, seja através dos contos-de-fadas coletados pelos irmãos Grimm - por nunca medirem esforços e sempre apoiarem e incentivarem meus estudos e projetos, prezando pela qualidade de minha educação e lutando por ela. Agradeço aos meus amigos, minha família de coração, por todos os momentos compartilhados e, claro, à Cecília Barchi, por ser quem é, pelo amor que transborda até nos momentos mais comuns de nossa convivência diária. Obrigado por me fazer feliz.

Agradeço aos funcionários da Seção de Pós-Graduação, da biblioteca “Acácio José Santa Rosa”, da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão e do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, principalmente aos queridos Márcio José Gusmão Carvalho, Juliana Porto Vasconcelos e Paulo Henrique Flauzino, pelo apoio que me deram em momentos diversos.

Sou grato aos professores membros da banca examinadora (titulares e suplentes da qualificação e da defesa), pelo tempo dispensado na leitura do texto, pela atenção comigo, por terem sido sempre solícitos - o que inclui conversas informais, dicas e trocas de experiência sobre a vida acadêmica - e, sobretudo, por socializarem seu conhecimento comigo em prol de melhorias em minha pesquisa.

Um grande “obrigado” para a editora John Benjamins, por ter me cedido os livros *Reading for Learning* e *Children's Literature and the Avant-Garde*, de sua instigante e necessária coleção de livros "Children's Literature, Culture, and Cognition", que promove novas abordagens teóricas e maneiras de se pensar a literatura infantil.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, pelo financiamento desta pesquisa (processo 18/11314-0) e de seu respectivo estágio de pesquisa no exterior - BEPE (processo 19/15456-6), através de bolsas concedidas no âmbito do convênio FAPESP/CAPES. Por isso, agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

*Have you heard of one Humpty Dumpty  
How he fell with a roll and a rumble  
And curled up like Lord Olofa Crumple  
By the butt of the Magazine Wall,  
(Chorus) Of the Magazine Wall,  
Hump, helmet and all?  
James Joyce, *Finnegans Wake**

ROCHA, Guilherme Magri da. *Literatura infantil e modernismo literário: palimpsestos e representações da consciência ficcional em textos de mulheres*. 2022. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2022.

## RESUMO

Esta tese discute a hipótese de que há uma relação simbiótica entre a literatura infantil e o que se convencionou chamar de Modernismo literário. Parte-se do pressuposto de que esta é pouco pesquisada, pois, no que se refere à tradição anglo-americana, o referido subsistema ainda é compreendido como algo à parte do sistema literário e há uma preferência, por parte de seus estudiosos, de entendê-lo a partir de gêneros literários, em vez de se realizar um percurso cronológico historiográfico (como visto por Anne Lundin, Karin Westman, entre outros), o que justifica a eleição deste tema. Para seu estudo, elegeram-se como fontes primárias obras para crianças de autoria de Gertrude Stein (1874-1946), Eleanor Farjeon (1881-1965), Virginia Woolf (1882-1941) e Sylvia Plath (1932-1963). Woolf e Stein foram escolhidas, pois compartilham a qualidade de terem tido seus textos infantis praticamente ignorados pela crítica e esquecidos pelo cânone; Farjeon, por sua vez, foi uma premiada escritora de livro infantil, que caiu em ostracismo pouco depois de sua morte e hoje lhe restam poucas linhas em compêndios específicos; Plath foi eleita para estudo para fins comparativos e essa escolha se justifica tendo em vista que ela escreveu apenas uma geração depois das grandes modernistas. Trata-se de um trabalho interdisciplinar que se utiliza de aporte teórico da crítica literária feminista (conforme Lissa Paul, Elaine Showalter, entre outras) e da crítica cognitiva (conforme Lisa Zunshine, Maria Nikolajeva, entre outros). A eleição deste aporte teórico se explica, porque busca-se apresentar possibilidades de releituras e reavaliações de volumes tidos como de menor importância na produção de grandes escritoras e, no caso de Farjeon, recuperar uma autora que foi praticamente esquecida, partindo da hipótese de que os livros de literatura infantil dessas mulheres se afirmam como expressão autoral feminina e se configuram como experimentos estéticos radicais de notável complexidade sociocognitiva.

**Palavras-chave:** literatura infantil anglo-americana; literatura de autoria feminina; crítica feminista; crítica cognitiva.

ROCHA, Guilherme Magri da. *Children's literature and literary modernism: palimpsests and representations of fictional consciousness in literature by women*. 2022. Dissertation (Doctor in Letters). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2022.

## ABSTRACT

This dissertation discusses the hypothesis that there is a symbiotic relationship between children's literature and literary Modernism. This topic receives little study in the Anglo-American tradition because children's literature is seen as a literary subsystem and understood as something apart from the literary system ("adult" literature); and also because its scholars prefer to organize it by literary genre, instead of following a historiographical chronological course (as seen by Anne Lundin, Karin Westman, and others). To achieve our analysis we selected as primary sources children's books by Gertrude Stein (1874-1946), Eleanor Farjeon (1881-1965), Virginia Woolf (1882-1941), and Sylvia Plath (1932-1963). Woolf and Stein were chosen because they share the quality of having had their children's texts practically ignored by critics and forgotten by the canon; Farjeon, for her part, was an award-winning children's writer who was ostracized shortly after her death, and today is relegated to specific textbooks; Plath was elected for comparative purposes, an appropriate choice, considering that she wrote only a generation after the great modernists. This is an interdisciplinary dissertation that uses feminist literary criticism (Lissa Paul, Elaine Showalter, and others) and cognitive criticism (Lisa Zunshine, Maria Nikolajeva, and others) as theoretical frameworks. These were selected to present possibilities of re-readings and revisions of volumes considered of lesser importance in the production of great female writers and, in the case of Farjeon, to recover an author who was practically forgotten. We hypothesize that the children's books by these women assert themselves as an expression of female authorship and are configured as radical aesthetic experiments of remarkable socio-cognitive complexity.

**Keywords:** Anglo-American Children's Literature; Cognitive Criticism; Feminist Criticism; Literature by Women.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – A “ogra” Lugton, ilustração de Julie Vivas .....	264
FIGURA 2 – A “ogra” Lugton, ilustração de Flamina Siciliano .....	265
FIGURA 3 – A “ogra” Lugton, ilustração de Victoria Tubau .....	265
FIGURA 4 – A “ogra” Lugton, ilustração de Napo .....	266
FIGURA 5 – sobrecapa e capa de <i>The World is Round</i> .....	274
FIGURA 6 – Rose is a Rose.....	274
FIGURA 7 – Rose e Willie, por Francis Rose .....	293
FIGURA 8 – O diabo de <i>The World is Round</i> , por Francis Rose .....	294

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Aldous Huxley para crianças.....	162
TABELA 2 – D.H. Lawrence para crianças.....	163
TABELA 3 – Dylan Thomas para crianças .....	164
TABELA 4 – e.e. cummings para crianças.....	166
TABELA 5 – Elizabeth Bishop para crianças.....	168
TABELA 6 – Ernest Hemingway para crianças.....	169
TABELA 7 – Gertrude Stein para crianças.....	171
TABELA 8 – James Joyce para crianças .....	173
TABELA 9 – Marianne Moore para crianças .....	174
TABELA 10 – Robert Frost para crianças .....	177
TABELA 11 – T.S. Eliot para crianças .....	178
TABELA 12 – Virginia Woolf para crianças.....	180
TABELA 13 – W.B. Yeats para crianças .....	182
TABELA 14 – William Carlos Williams para crianças.....	184
TABELA 15 – William Faulkner para crianças .....	186
TABELA 16 – W.H. Auden para crianças.....	187

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>CAPÍTULO 1 – CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL: HISTÓRIAS DE ORIGENS, PERCURSOS E TRANSFORMAÇÕES DO CÂNONE</b> .....	33
1. Para começo de conversa .....	34
1.1 Escrevendo para crianças .....	35
1.2 Do alto Modernismo à literatura infantil .....	41
1.2.1 Eleanor Farjeon .....	42
1.2.2 Gertrude Stein .....	55
1.2.3 Virginia Woolf .....	61
1.2.4 Sylvia Plath .....	70
1.3 (Re)formações e (re)estruturações do cânone .....	80
1.3.1 Prazer .....	83
1.3.2 Acaso .....	89
1.3.3 Mudança .....	93
1.4 Amarrando pontos e retomando conceitos .....	101
<b>CAPÍTULO 2 – EXPERIMENTOS RADICAIS NA LITERATURA INFANTIL: ESTUDOS SOBRE MODERNISMO E FICÇÃO PARA CRIANÇAS</b> .....	104
2. Continuando a conversa: Modernismo literário e literatura infantil .....	105
2.1 Espaços (ainda) em branco .....	106
2.2 Jacqueline Rose e a impossibilidade da ficção para crianças .....	117
2.3 Alice chega ao farol .....	126
2.4 Transformações estéticas e radicais na literatura infantil .....	137
2.5 Livros infantis de vanguarda .....	144
2.6 Preenchendo as lacunas apontadas por Westman .....	152
3. Amarrando pontos e retomando conceitos .....	156
<b>CAPÍTULO 3 – MODERNISTAS E/NA/COMO LITERATURA INFANTIL: ENTRE PRODUÇÕES PARA CRIANÇAS E REENDEREÇAMENTOS, BIOGRAFIAS E TEXTOS CRÍTICOS</b> .....	159
3. Continuando a conversa: grandes escritores escrevem para crianças .....	160
3.1 Diferentes autores, diferentes contextos .....	162
3.1.2 Aldous Huxley (1894-1963) .....	162
3.1.3 D.H. Lawrence (1885-1930) .....	163
3.1.3 Dylan Thomas (1914-1953) .....	164
3.1.4 e.e. cummings (1894-1962) .....	166
3.1.5 Elizabeth Bishop (1911-1979) .....	168
3.1.6 Ernest Hemingway (1899-1961) .....	169
3.1.7 Gertrude Stein (1874-1946) .....	170
3.1.8 James Joyce (1882-1941) .....	172
3.1.9 Marianne Moore (1887-1972) .....	174
3.1.10 Robert Frost (1874-1963) .....	176
3.1.11 T.S. Eliot (1888-1965) .....	178
3.1.12 Virginia Woolf (1882-1941) .....	180
3.1.13 W.B. Yeats (1865-1939) .....	182
3.1.14 William Carlos Williams (1883-1963) .....	184

3.1.15 William Faulkner (1897-1962) .....	186
3.1.16 W.H. Auden (1907-1913).....	187
3.2 Amarrando pontos e retomando conceitos .....	188

**CAPÍTULO 4 – ENTRE PALIMPSESTOS E LEITURAS DE PENSAMENTO: CAMINHOS DAS CRÍTICAS FEMINISTA E COGNITIVA NA ÁREA DE LITERATURA INFANTIL .....**

4. Retomando a conversa: estruturas palimpsésticas e intencionalidades .....	193
4.1 O que ainda há para se fazer? .....	194
4.2 A crítica feminista na literatura infantil .....	201
4.2.1 Releituras, recuperações e redirecionamentos .....	202
4.2.2 O livro infantil e a categoria “gênero” .....	207
4.2.3 Lendo com olhar feminista: modificando a grade .....	211
4.3 A crítica cognitiva.....	212
4.3.1 Uma disciplina múltipla .....	215
4.3.2 Diferentes leitores, diferentes atribuições de estados mentais.....	223
4.3.3 Tendências da crítica cognitiva na literatura infantil .....	229
4.3.4 Teoria da mente: lendo representações da consciência .....	231
4.4 Amarrando pontos e retomando conceitos .....	242

**CAPÍTULO 5 – DESVENDANDO TEXTOS E ATRIBUINDO ESTADOS MENTAIS: MODOS DE LER O TEXTO MODERNISTA .....**

5. Retomando a conversa: em busca de significados.....	247
5.1 Virginia Woolf e seus experimentos na literatura infantil .....	248
5.2 Rosa é uma rosa é uma rosa é uma rosa: o mundo redondo de Gertrude Stein..	271
5.3 A arcádia de funcionalidades de Eleanor Farjeon .....	298
5.4 Sylvia Plath na literatura infantil .....	324

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**

**REFERÊNCIAS.....**

*A wild pen is a pen that makes blots that makes dots and makes spots. [But it can] get wilder and wilder [... and] instead of saying how do you do it says you had better not have said how do you do because if you have said how do you do how do you know what a wild pen will do.*  
Gertrude Stein, *First Reader*

## INTRODUÇÃO

Os livros-texto (sejam suas antologias literárias, sejam suas edições críticas de obras clássicas) da editora W. W. Norton & Company são frequentemente adotados nos cursos superiores de literatura nos Estados Unidos (McLemme, 2001). Essas coletâneas são reconhecidas por terem um papel crucial no currículo de humanidades e a *The Norton Anthology of English Literature*, cuja primeira edição data de 1962, costuma ser o único livro (de referências primárias e secundárias) solicitado no primeiro ano do curso de literatura (McLemme, 2001). Outros livros desta linha incluem *The Norton Anthology of American Literature*, *The Norton Anthology of African American Literature*, *The Norton Anthology of World Literature*, *The Norton Anthology of Literature by Women*, entre tantos outros que, como os títulos indicam, espelham o cânone a partir de um tema específico. Desses, destacamos a *The Norton Anthology of Children's Literature: The Traditions in English* (doravante *NACL*), volume publicado em 2005 e coeditado por Jack D. Zipes (no papel de editor geral), Lissa Paul, Lynne Vallone, Peter Hunt e Gillian Avery. O livro traz excertos e textos integrais de um grupo de mais de 170 escritores e ilustradores, discute suas biografias e seus contextos, além de fornecer recursos adicionais; afinal de contas, trata-se de um volume paradidático.

A *NACL* difere das demais obras supracitadas já no formato de seu sumário. Enquanto a *The Norton Anthology of Literature by Women* e a *The Norton Anthology of English Literature*, por exemplo, acompanham seu leitor da literatura da Idade Média e do Renascimento até a contemporaneidade, isto é, cronologicamente, o volume dedicado à literatura infantil conduz seu leitor dos alfabetos à ficção doméstica. Assim, privilegia-se o estudo deste subsistema<sup>1</sup> por gêneros literários, de forma a deixar de lado a abordagem historicista da pesquisa em literatura, que caracteriza as demais obras. Deve-se notar, entretanto, que a perspectiva cronológica está sim presente no livro editado por Jack Zipes e pelos demais pesquisadores, mas dentro de cada gênero literário. Por exemplo: a seção de alfabetos se inicia com excertos de *Orbis Pictus*, de Johann Amos Comenius (1592-1670) e se

---

<sup>1</sup> “Antonio Candido trata de sistema literário, e deste advém o conceito aqui apresentado de um subsistema, ao mesmo tempo autônomo e confluyente com o maior em que se insere” (DIAS, 2019, p. 08).

encerra com excertos de *A Peaceable Kingdom*, de Alice Provensen (1918-2018) e Martin Provensen (1916-1987); já a seção de ficção doméstica se inicia com um excerto de *Original Stories from Real Life*, de Mary Wollstonecraft (1759-1797), e termina com “Out”, conto de Bruce Brooks (n. 1950).

Os editores subdividiram a literatura infantil nos seguintes gêneros literários: alfabetos, panfletos [*chapbooks*<sup>2</sup>], cartilhas [*primers and readers*], contos de fadas, fábulas com animais, mitos clássicos, lendas, histórias judaico-cristãs, fantasia, ficção científica, livros ilustrados, quadrinhos, versos, peças de teatro, livros de instrução, biografias, histórias de aventura, histórias em escolas e ficção doméstica. A justificativa deles é de que essa estrutura tanto oferece aos professores (afinal, trata-se de um volume paradidático) diferentes agrupamentos dentro de uma ordem cronológica, quanto encoraja os estudantes a realizarem conexões entre formas e gêneros. Entretanto, essas categorias não são homogêneas, ainda que busquem se apoiar numa variável (aspecto formal). O livro se organiza de forma que cada seção contém um texto principal, acompanhado de obras “satélites”, que podem ser ensinadas e discutidas como contrapontos ou complementos dele. Nesse sentido, trata-se de uma coletânea destinada ao aluno de graduação e deve servir como manual para o professor.

Karen Westman (2007) afirma que a predileção por divisões como esta, num volume de tal magnitude, torna a construção de um cânone infantil algo desafiador, pois dificulta uma possível seleção de textos, dentro de um período que representaria, por exemplo, o que foi o Modernismo na literatura infantil<sup>3</sup>. Westman aventa a possibilidade de que tal divisão em gêneros literários tenha relação direta com a forma como a literatura infantil se desenvolveu enquanto disciplina nos Estados Unidos: nas mãos de professores, bibliotecários e editoras que dividiam livros em categorias pensadas a partir da idade dos leitores e de sua competência leitora (cf. Anne H. Lundin, 2004). Isso nos faz entender que o foco dela está nas pesquisas anglo-americanas e também nas literaturas de expressão inglesa.

Reflexões e comparações que busquem uma relação entre subsistema (literatura infantil) e sistema (literatura dita para adultos) já foram feitas na perspectiva anglo-americana. Maria Nikolajeva (1996), por exemplo, identificou quatro estágios de desenvolvimento na literatura infantil e buscou associá-los ao sistema literário. Segundo essa pesquisadora, após um período de adaptações de textos folclóricos e para adultos, a literatura infantil de viés didático

---

<sup>2</sup> Publicações de baixo custo semelhantes ao cordel.

<sup>3</sup> Se pensarmos nos movimentos literários em espaços de tempo determinados, podemos explorar o Modernismo literário (1890-1930, sugerem Childs e Fowler) em relação à Era de Ouro da literatura infantil (normalmente 1865-1926), como discutiremos no capítulo dois, numa tentativa de pensar sistema e subsistema literário como confluente.

corresponde à literatura medieval; a literatura infantil “canônica” corresponde ao Classicismo, ao Barroco e, de certa forma, ao Romantismo; já a literatura infantil polifônica e multivocal seria correspondente ao Modernismo e ao Pós-modernismo. Essa divisão, entretanto, não é um consenso entre os estudiosos do subsistema. Emer O’ Sullivan (2004), por exemplo, pondera que tal modelo “evolucionário” (que indica progressão) aparentemente universal corresponde, na verdade, a uma história literária bastante europeia e não reconhece a coexistência de gêneros literários na literatura infantil. Além disso, Zohar Shavit (2009) também aposta em um modelo universal de desenvolvimento da literatura para crianças e jovens. Para ela, o desenvolvimento da literatura infantil transcende fronteiras nacionais e temporais, alegando que seus padrões históricos são basicamente os mesmos. Esquece-se, assim, de fatores como o efeito e o legado da colonização nos países africanos, por exemplo, como aponta Sullivan (2004).

Entretanto, apesar da crítica feita por Westman (2007), deve-se considerar algo que ela deixa de lado: a NACL oferece uma linha do tempo intitulada “Children’s Literature in Context”, que se inicia com os principais textos do século VIII a.C. ao século III d.C. e se encerra na data de publicação da antologia. Nesse sentido, dentro dessa linha do tempo, pode-se fazer um recorte entre 1890 e 1950 (como sugere Westman), em busca de uma imagem da literatura infantil modernista anglo-americana. Esta teria como marco inicial o surgimento do Ensino Fundamental gratuito e obrigatório em todo o território estadunidense em 1891, e se encerraria com a publicação de *The Martian Chronicles*, de Ray Bradbury; *The Lion, the Witch, and the Wardrobe*, de C. S. Lewis; e dos quadrinhos *Eagle*, na Grã-Bretanha, revolucionários em sua apresentação e conteúdo. Entretanto, talvez um recorte simplesmente cronológico não baste para fazer tal contraponto, pois, conforme Nikolajeva (2002), no que se refere ao subsistema infantil, foi apenas na década de 1960 que passamos a observar com mais frequência

uma desintegração do enredo em seu significado tradicional; nada realmente “acontece”. Não há começo ou fim no sentido usual, nenhum desenvolvimento lógico em direção a um clímax e desenlace; a história pode parecer arbitrariamente recortada da vida do personagem, ou ainda, mais frequentemente, um mosaico de pedaços arbitrariamente colados [...]. Por outro lado, o exame do personagem costuma ser muito mais intenso<sup>4</sup> (NIKOLAJEVA, 2002, p. 13).

---

<sup>4</sup> “We observe a disintegration of the plot in its traditional meaning; nothing really “happens.” There is no beginning or end in the usual sense, no logical development toward a climax and denouement; the story may seem to be arbitrarily cut from the character’s life, or is even more often a mosaic of bits arbitrarily glued together [...]. On the other hand, the examination of the character is usually much more intense.” - todas as traduções são nossas, a não ser quando explicitado.

Essa desintegração - que Anatol Rosenfeld (1996) chama de "desrealização" - é característica marcante das obras de Virginia Woolf e de seus contemporâneos. Nesse sentido, o "exame de personagem" que identifica os textos desses autores do começo do século XX só se destaca no subsistema infantil na segunda metade do mesmo século. Por isso, talvez o recorte temporal sugerido por Westman (2007), de 1890 a 1950, não seja o ideal para pensarmos a literatura infantil modernista. Aliás, a própria definição de Modernismo e de vanguarda gera debates na academia até os dias de hoje. Conforme Childs e Fowler (2006), há diversas discussões sobre o início do Modernismo (se paralelo ao simbolismo francês, ao decadentismo, entre outros), e sobre seu término (vide a distinção entre "Paleomodernismo" e "Neomodernismo", de Kermode, sua continuidade na arte pós-guerra, entre outros). Também se questiona se seu recorte temporal é fechado (algo em torno de 1890 até 1950, como quer Westman) ou aberto (então nele poderiam ser incluídos Laurence Sterne, John Donne, entre outros). Por esse motivo, opta-se, nesta tese, por entender o Modernismo literário em sua concepção mais ampla: a partir de seus escritores consolidados: Henry James (1843-1916), Joseph Conrad (1857-1924), Marcel Proust (1871-1922), entre outros autores, cujas obras são "esteticamente radicais, contêm inovações técnicas, enfatizam o espacial ou o 'frugal' em oposição à forma cronológica, tendem a modos irônicos e envolvem certa 'desumanização da arte' (Ortega e Gasset)<sup>5</sup>" (CHILDS; FOWLER, 2006, p 145). Assim, recupera-se a concepção de Rosenfeld (1996) quanto ao *Zeitgeist*: o espírito de época que perpassa e unifica manifestações não só culturais, como também de pensamento.

Modernismo também é, muitas vezes, entendido como sinônimo de vanguarda. Em *Altas Literaturas* (1998), por exemplo, Leyla Perrone-Moisés classifica Ezra Pound (1885-1972), T.S. Eliot (1888-1965), Haroldo de Campos (1929-2003), entre outros, como escritores pertencentes ao que se convencionou nomear de vanguardas do século XX. Como observam Bettina Kümmerling-Meibauer e Eliane Druker (2015), enquanto a noção de vanguarda é bastante comum nos contextos alemão, austríaco, francês e italiano, os acadêmicos do Reino Unido chamam os movimentos de vanguarda de modernistas. Isto é, não há diferenciação. Por sua vez, nos países nórdicos, o conceito de vanguarda tornou-se mais popular nos anos 2000. Essas estudiosas consideram que há até mesmo concepções híbridas de vanguarda, sobretudo por conta da imigração de artistas europeus para países de outros continentes, como Estados

---

<sup>5</sup> "Aesthetically radical, contain striking technical innovation, emphasize spatial or 'fugal' as opposed to chronological form, tend towards ironic modes, and involve a certain 'dehumanization of art' (Ortega y Gasset)".

Unidos, México, África do Sul e Japão. Elas também consideram a Pós-Vanguarda ou Neo-Vanguarda, que caracteriza a arte pós-guerra.

Ainda conforme Kümmerling-Meibauer e Druker (2015), a literatura infantil modernista/de vanguarda é aquela que busca romper rótulos e fronteiras artísticas, padrões comuns ao subsistema e construções tradicionais de infância. Essa definição se aproxima da concepção de literatura infantil radical, trabalhada por Kimberley Reynolds, Julia Mickenberg, entre outros pesquisadores, como discutimos no segundo capítulo deste trabalho. Entre esses livros estão textos como *The Bomb and the General* (1989), de Umberto Eco e Eugenio Carmi, publicado no Brasil, pela editora Ática, como *A Bomba e o General*, obra na qual um general decide armazenar bombas nucleares para começar uma guerra, mas os átomos dessas bombas se rebelam contra os poderosos e se escondem, impedindo a destruição. Victoria de Rijke (2018) classifica este livro como “colagem radical”, pois nele discute-se uma questão política radical por meio do design da colagem e apresenta-se uma rejeição pós-moderna da racionalidade e da coerência no que diz respeito à guerra.

Os editores da *NACL* afirmam que “normalmente, o termo *literatura* exclui literatura infantil - isto é, a literatura infantil é geralmente entendida como separada da ‘literatura real’” (2005, p. xxxii, grifo dos autores). Então, como é de se esperar, reflexões acadêmicas sobre literatura para crianças não têm espaço nem nas discussões sobre o Modernismo literário, conforme afirma Reynolds (2007) e vice-versa. Embora essa afirmação seja de 2007, ela ainda é atual, como mostra o texto de Kümmerling-Meibauer e Druker (2015). No entanto, observa-se que características modernas e de vanguarda são contempladas na literatura infantil, em seus mais diversos gêneros literários, como nos contou de Rijke, numa entrevista publicada pela revista *Norte@amentos* (FERREIRA; ROCHA, 2020), “a vanguarda é uma categoria enigmática, pois você provavelmente vai encontrá-la nos alfabetos, nos contos de fadas ou na poesia e, muito provavelmente, no absurdo; mas [suas características] podem estar escondidas, e serão subversivas<sup>6</sup>” (p. 205).

Essa lacuna entre os estudos de literatura infantil, sobre o Modernismo literário e/ou as vanguardas começou a ser preenchida em 1987, quando Juliet Dusinberre publicou *Alice to the Lighthouse: Children's Books and Radical Experiments*. Ela explica que Virginia Woolf, James Joyce, T.S. Eliot e demais escritores modernistas foram crianças num período de extrema popularidade dos livros de *Alice* (*Alice's Adventures in Wonderland* e *Through the Looking-Glass and what Alice found there*, ambos de autoria de Lewis Carroll e publicados,

---

<sup>6</sup> “The avant-garde is an enigmatic category, as you are just as likely to find it in Alphabet books, Fairy tale or Poetry, and very likely to find it in Nonsense, but it might be hiding, and it will be subversive”.

respectivamente, em 1865 e 1871) e são responsáveis pela guinada literária à experiência psicológica. Então, como o imaginário carrolliano corria pelas veias dessa geração, seus experimentos estéticos radicais são vistos pela pesquisadora como tendo sido diretamente influenciados pelos livros que Carroll e os demais escritores infantis da segunda metade do século XIX escreveram para crianças. Sendo assim, há muito de Lewis Carroll na geração de Virginia Woolf e seus experimentos tiveram paralelos tanto na música, quanto na arte visual dos Pós-Impressionistas defendidos por Roger Fry. Nas palavras da pesquisadora,

a ausência de uma moral deliberadamente apontada, da direção linear narrativa, a renúncia do autor como pregador o brincar com as palavras, todas características pioneiras nos livros infantis na segunda metade do século XIX, contemplam o trabalho de Virginia Woolf e de sua geração de escritores<sup>7</sup> (DUSINBERRE, 1987, p. xxi).

Nessa concepção, o subsistema infantil é responsável pelas sementes que culminaram nos experimentos do sistema literário. Esses experimentos muitas vezes são radicais, testam os limites não só das palavras, como da própria narrativa como gênero literário e são promovidos por uma caneta/pena cada vez mais selvagem, que desafia o escritor e parece ter vontade própria, como diz Gertrude Stein em nossa epígrafe. Outros estudos já foram publicados a respeito da influência de Carroll sobre os modernistas: James S. Atherton (1959) recupera o autor infantil como referência para James Joyce; e Elizabeth Sewell (1962), por sua vez, faz a ponte entre o autor de *Alice* e T.S. Eliot. Edward Lear<sup>8</sup> é, infelizmente, preterido nessas discussões. Se pensarmos nos próprios iconotextos como teoria, veremos que há diversos contrapontos entre Lear e o surrealismo, por exemplo, embora tenha sido Carroll o escritor diretamente referenciado como inspiração por esse grupo de artistas<sup>9</sup>.

Os pesquisadores citados anteriormente se colocam numa posição que é oposta a de outros autores que publicaram obras tidas como clássicas dentro dos estudos de literatura infantil e que negam relações de aproximação entre o Modernismo e os livros para crianças: em *The Case of Peter Pan, or The Impossibility of Children's Fiction* (1984), Jacqueline Rose afirma que há um distanciamento entre a literatura infantil e a adulta, no século XX, e que muitos escritores viram na primeira uma possibilidade de fuga dos anseios e das discussões acerca do mundo moderno; já em *Secret Gardens: The Golden Age of Children's Literature*

<sup>7</sup> “The absence of a deliberately pointed moral, and of linear direction in narrative, the abdication of the author as preacher, and the use of words as play, all of which were pioneered in children's books in the latter half of the nineteenth century, feed into the work of Virginia Woolf and her generation of writers”.

<sup>8</sup> Outro expoente da literatura infantil e com quem Carroll compartilha a “paternidade” do gênero *nonsense*, como hoje ele é caracterizado.

<sup>9</sup> “Lewis Carroll é surrealista em seu *nonsense*”, coloca Andre Breton em seu manifesto.

(1985), Humphrey Carpenter descreve a literatura infantil da geração de Carroll como uma que buscou colocar a criança num lugar seguro, um retorno a uma arcádia idílica pouco subversiva e com poucas camadas de significado. Em ambos os casos a literatura infantil é entendida como um contraponto à industrialização e à modernidade.

Como afirmam Jahan Ramazani e Jon Stallworthy (2012), a escola compulsória e universal na Inglaterra, obrigatória graças ao *Educational Act* de 1870, culminou no surgimento de uma grande população letrada, para quem diversos textos foram produzidos em massa; além da proliferação da imprensa marrom. Com isso, dividiu-se o público leitor em três: *highbrow*, *middle-brow* e *lowbrow*. Esse primeiro comporta leitores mais sofisticados, entre os quais estão o público que consumiu Woolf, Joyce, entre outros. Lisa Zunshine (2007), ao discutir representações da consciência ficcional no Modernismo, revela-nos que textos como *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, ainda hoje são vistos como verdadeiros desafios. Na concepção de Dirce Waltrick do Amarante, “no campo da literatura, os textos de vanguarda são obstáculos que deveríamos aprender desde pequenos a atravessar e, aos poucos, começar a sentir prazer nisso” (2018, p. 94).

Por essa razão, a tese de Dusinger (1987) pode ser vista como paradoxal: se por um lado as experimentações de Carroll tiveram grande aceitação entre as crianças e os críticos vitorianos; por outro, ao serem exploradas e potencializadas pela geração modernista, promoveram um distanciamento do leitor comum (uma “indiferença”, como exploramos no capítulo cinco). Podemos pensar nisso a partir de Gertrude Stein: seu livro infantil, *The World is Round* (1939) teve boa recepção entre os pequenos leitores e entre os críticos, que afirmaram que a escritora tinha finalmente encontrado seu público. A “língua negativa” que caracteriza a estética da autora e que foi vista como uma espécie de barreira pelos seus leitores adultos é a mesma presente em sua obra infantil. As crianças provavelmente não enxergaram obstáculos no texto steiniano, porque não têm fixadas as regras gramaticais, como sugere Rijke na entrevista que nos concedeu (2020): a língua é uma brincadeira, como quer Lewis Carroll, na qual as palavras significam o que queremos que elas signifiquem, conforme teoriza seu personagem Humpty Dumpty.

Para Alys Moody (2018), embora o Modernismo tenha se dividido entre duas tradições (a indiferença estética e o êxtase estético), pensar nessa literatura como um material que cultiva a indiferença é um legado de como os pesquisadores começaram a estudá-la e ainda a estudam. Na concepção da pesquisadora, nós compreendemos o Modernismo a partir de T. E. Hulme, que o via como um afastamento da poesia romântica (emotiva); de T. S. Eliot, para

quem a poesia devia representar um escape da emoção; de James Joyce, cujo desenvolvimento estético do protagonista de *The Portrait of an Artist as a Young Man* se pauta no distanciamento (da Irlanda); de Marcel Duchamp, cujos *readymades* tinham na indiferença visual um fator para sua composição; entre outros. Moody (2018) explica que o Modernismo deve ser reavaliado e que a estética da indiferença deve ser entendida como algo vivido, corporificado e embutido: uma tentativa de se apresentar uma nova emoção, particular à arte.

Ao contrário do que acontece no Brasil, não há, seja na literatura inglesa, seja na estadunidense, um “pareamento” com a literatura infantil no que se refere aos escritores que compõem seu cânone. Isto é, se aqui Monteiro Lobato, Mário Quintana, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, entre outros, aventuraram-se pela literatura para crianças, isso não foi o caso dos anglo-americanos. Aliás, eles produziram para jovens leitores, mas essas obras não são compiladas ou tidas como representativas do subsistema infantil. Se olharmos exclusivamente para o século XX, não há nome algum presente na *NACL* que se repita nos compêndios de literatura inglesa e estadunidense. Isso não significa que escritor modernista algum tenha se aventurado nesse campo, como dissemos. As cartas de James Joyce ao neto transformaram-se nos livros ilustrados: *The Cat and the Devil* (1965) e *The Cats of Copenhagen* (2012); os contos escritos por Virginia Woolf também transformaram-se em livros infantis ilustrados: *Nurse Lugton's Golden Thimble* (1966) e sua versão revisada, *Nurse Lugton's Curtain* (1991) e *The Widow and the Parrot* (1985); Aldous Huxley, por sua vez, escreveu *The Crows of Pearblossom* para suas sobrinhas, história publicada pela primeira vez como livro ilustrado em 1967. Caminho semelhante ainda tiveram livros como *Fairy Tales*, de e.e. cummings, publicado em 1965 e originalmente escrito para sua filha; e *The Wishing Tree* (1927), de William Faulkner, escrito para a filha de sua então namorada e publicado somente em 1964. Todas essas obras têm algo em comum: foram escritas para circulação privada e transformadas em livros infantis ilustrados somente depois da morte de seus autores, quando os textos originais foram descobertos por pesquisadores ou caíram em domínio público ou foram divulgadas de alguma outra forma (pela própria família, por exemplo).

Pode-se dizer que H[ilda].D[oolittle]., T. S. Eliot e Gertrude Stein, a “mãe do Modernismo”, tiveram uma participação diferente junto ao subsistema, embora a gênese de seus textos seja semelhante. Os três publicaram seus textos em vida e tiveram controle criativo dos volumes. As cartas com poemas que o primeiro endereçava aos seus afilhados,

assinadas sob o pseudônimo de Velho Gambá [Old Possum], tornaram-se o famoso livro *Old Possum's Book of Practical Cats* (1939), cuja primeira edição fora ilustrada pelo autor. Já Gertrude Stein escreveu a primeira de suas quatro obras infantis, *The World is Round* (1939), como parte de um desafio proposto por Margaret Wise Brown. O livro é dedicado à filha de seus vizinhos franceses, Rose Lucy Renée Anne d'Aiguy e protagonizado por Rose (portanto uma autobiografia ficcional à moda de Stein). A autora escolheu o ilustrador, a cor das páginas e do texto verbal. H.D., por sua vez, escreveu *The Hedgehog* (1936) para sua filha, Perdita. Essa tradição (do privado ao público) acontece com modernistas brasileiros: Lispector havia escrito *O Mistério do Coelho Pensante* (1967) a pedido de um de seus filhos.

Embora esses textos anglo-americanos não tenham permanecido no cânone infantil conforme este foi construído, isso não quer dizer que as crianças de nosso século não consigam usufruir do Modernismo e da linguagem concebida por eles, através de textos inicialmente não destinados ao jovem leitor, o que caracterizaria uma espécie de *crossover*<sup>10</sup> (cf. Beckett, 2021). Poemas como “r-p-o-p-h-e-s-s-a-g-r” [grasshopper, gafanhoto], de e.e. cummings e “Fisches Nachtgezang”, de Christian Morgenstern, são exemplos de textos inicialmente não pensados para crianças, mas cujo jogo de palavras (experimentos em morfologia e léxico) permite a exploração de novos significados, pois refletem um discurso não mediado (talvez, *nonsense*), potencializado pela disposição do texto (experimentos em grafologia, caligrama, poesia concreta) e, por isso, oferecem uma interconexão entre poesia e arte.

Segundo Rijke (2020), esse poema de e.e. cummings brinca com substituição, omissão e inserção, assemelhando-se a comportamentos que espelham as próprias crianças quando estas começam a ter contato com a leitura, uma vez que elas costumam substituir palavras que podem estar no texto, omitir outras palavras no processo de contação, além de inserir novas. A pesquisadora supõe que a disposição desses textos na página de um livro pode não ser diferente, para uma criança pequena, de um livro narrativo “sem imagens, nem diálogos”, como reclama a pequena Alice. Então, leitores menores que ela (Alice tem sete anos e meio em *Através do Espelho*) podem compreender a “página completa”, isto é, preenchida linearmente de cima a baixo e fruí-la simpateticamente sem a mesma preocupação da personagem de Carroll. Pela experiência de Victoria de Rijke (2020), os pré-leitores têm inclusive mais facilidade para ler estes textos.

---

<sup>10</sup> A literatura que transcende fronteiras de idade e agrada adultos e crianças.

Nosso interesse, neste trabalho, está nos volumes para crianças escritos por mulheres. Nosso foco detém-se nas obras de Virginia Woolf, Gertrude Stein, Eleanor Farjeon e Sylvia Plath. *The World is Round* (1939), de Stein; *Nurse Lugton's Curtain* (1991) e *The Widow and the Parrot* (1985), de Woolf foram escolhidas, pois são de autoria de mulheres notáveis pela sua participação no que se convencionou chamar de Modernismo literário e cujos volumes se afirmam como expressão da narrativa de autoria feminina. Justifica-se nossa escolha, pois entendemos que há uma relação simbiótica entre esse estilo de época e a literatura infantil que, em âmbito mundial, foi pouco explorada. Também analisaremos *Martin Pippin in the Apple Orchard* (1921), de Eleanor Farjeon, escritora notável por sua participação na literatura infantil e premiada por ela (foi a primeira ganhadora, por exemplo, do *Hans Christian Andersen Award*), o que não a impediu de cair em ostracismo pouco tempo depois. Essa obra foi escolhida como representante do caminho inverso: uma escritora que teve sucesso entre o público infantil e que trouxe a estética modernista para suas obras. Por fim, selecionamos os poemas “The Bull of Bendylaw” (1959) e “The Bed Book” (1976) e os contos “The It-Doesn't-Matter Suit” (1996) e “Mrs. Cherry's Kitchen” (2001), de Sylvia Plath, aqui representando uma geração posterior.

Nossa leitura foi realizada a partir de duas vertentes: a crítica literária feminista e a crítica cognitiva. Já há uma tradição de estudos de gênero como categoria de análise bastante consolidada em língua inglesa e que se dedica à literatura infantil anglo-americana. Hunt et al. (2005) lembram-nos que a ascensão dos estudos de literatura infantil como uma disciplina acadêmica formal, no começo da década de 1970, coincide com a ascensão do feminismo como tal. Obras de referência que envolvem leituras feministas de textos para crianças incluem volumes de Beverly Lyon Clark e Margaret Higonnet (1999), Lynne Valonne (1995), Kimberley Reynolds (1990), Claudia Nelson (1991), Shirley Foster e Judy Simmons (1995) e Roberta Trites (1998). No Brasil, livros publicados sobre literatura infantil e/ou juvenil<sup>11</sup>, que se detêm a estudos de gênero ou narrativas de autoria feminina de um modo geral, datam deste século e demonstram a seriedade com que os estudos desses subsistemas estão sendo feitos, vide as obras organizadas por Cecil Jeanine Albert Zinani e Diógenes Buenos Aires de Carvalho (2015) e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira, Diana Navas e Maurício Silva (2019). Neste trabalho, tendo em vista a proposta de leitura crítica dos textos de literatura

---

<sup>11</sup> Ao contrário dos estudos de língua inglesa, no Brasil há uma distinção clara entre literatura para crianças e para jovens. Nos estudos de literatura infantil em língua inglesa, embora ela também exista, é normal que haja uma ligação entre ambos os subsistemas. Não é incomum encontrar *The Catcher in the Rye*, de J. D. Salinger, por exemplo, como livro infantil, vide Reynolds (2011). Entretanto, sabe-se que o livro foi produzido num contexto em que a adolescência “surgia” nos Estados Unidos e chamou a atenção deste público.

infantil, de Maria Mortatti (2001), em prol da construção acadêmica de uma identidade específica dessa área de conhecimento e à conquista de sua legitimidade acadêmico-científica, optamos por apresentar análises literárias nos moldes de Lissa Paul (1997), que fornece uma proposta de leitura construída a partir da teoria feminista e dos estudos culturais. O que a teoria feminista fez e faz pelos estudos de literatura infantil, em consonância com Paul (2005), é insistir no direito de inclusão, para além dos homens brancos honorários. Assim, “os textos que estão sendo redescobertos pelas críticas feministas são importantes porque fornecem um contexto histórico para nossas próprias suposições ideológicas sobre gênero, sobre o que constitui boa literatura e sobre o que vale a pena lembrar, circular e reter para estudo<sup>12</sup>” (p. 146).

Para a pesquisadora Lissa Paul (1997), uma leitura realizada nesses moldes deve ser guiada pelas seguintes perguntas: i) de quem é a história?; ii) quem é o leitor?; iii) quando e onde esta leitura é feita?; iv) quem é nomeado e quem não é?; v) quem está no topo?; vi) quem é punido e quem é recompensado?; vii) quem fala e quem é silenciado?; viii) quem age e quem sofre a ação?; ix) quem possui propriedade e quem é dependente?; x) quem olha e quem é observado?; xi) quem luta por honra e quem sofre?; e xii) como os sistemas de valores são determinados? Essas perguntas nos ajudam a oferecer leituras múltiplas, que reivindicam autoras e obras negligenciadas ou consideradas menores ou de pouca importância, como as que fazem parte dos corpora deste trabalho. Elas não serão explicitamente retomadas em nossas análises, mas serviram de base para elas.

Nesse sentido, recuperamos conceitos da crítica feminista anglo-americana, como a “zona selvagem”, de Elaine Showalter (1985), e o palimpsesto, conforme Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979). Showalter parte do pressuposto sociológico de que as mulheres são um grupo silenciado dentro da cultura dominante masculina e, por isso, seus textos devem ser lidos como um “discurso de duas vozes”, sendo uma delas inabitada pelo patriarcado e, portanto, tida como “selvagem”. Esse *status* duplo culmina num texto duplo, que identifica a natureza “palimpséstica” do texto de autoria feminina, suas camadas escondidas. Cabe à crítica feminista, portanto, desvendar as tramas e os significados gendrados, encobertos pelas autoras, seu “intertexto invisível”, conforme descrito por Nancy Miller (1985). “Invisível”, pois se vale de temas relacionados ao feminino e paralelos aos contextos da época. Devemos nos lembrar de que estamos discutindo livros infantis de escritoras que normalmente

---

<sup>12</sup> “The texts being rediscovered by feminist critics are important because they provide a historical context for our own ideological assumptions about gender, about what constitutes good literature, and about what is worth remembering, circulating and retaining for study”.

escreveram para adultos e cuja fortuna crítica consta com uma grande diversidade de leituras feministas, com exceção de Farjeon. Aliás, a própria Woolf é um dos principais nomes da crítica feminista anglo-americana, sobretudo por conta de seus ensaios<sup>13</sup>. Sendo assim, quem seriam os leitores capazes de “descascar” as subcamadas textuais? As crianças para quem esses textos foram escritos? O leitor contemporâneo? Para respondermos a estas questões, recorreremos à leitura cognitiva.

Conforme David H. Richter (2007), a teoria cognitiva é a abordagem mais recente das teorias da recepção. Chamada de “narratologia cognitiva” ou “poética cognitiva”, essa disciplina, de acordo com Maria Nikolajeva (2016) - junto com a ecocrítica, os estudos da deficiência e o pós-humanismo - representa uma das novas direções nos estudos literários infantis, que se voltam para a fisicalidade dos corpos das crianças e para meio ambiente. O próximo congresso da *International Research Society for Children's Literature*, por exemplo, se focará nas “ecologias da infância”. A narratologia cognitiva contempla a ciência cognitiva, as teorias da recepção e a teoria narrativa e, por isso, é uma abordagem interdisciplinar. Conforme resume Roberta Seelinger Trites (2017):

a narratologia cognitiva concentra-se em como os cérebros recebem e respondem a vários aspectos da narrativa; esse campo, portanto, abrange o estudo das características textuais que desencadeiam as respostas cerebrais e os processos perceptivos do cérebro que permitem a construção de significado. A narratologia cognitiva é particularmente útil no estudo da ficção para jovens leitores porque ajuda os estudiosos a examinar as interações entre o desenvolvimento cognitivo infantil, a atividade cognitiva e as pistas cognitivas incorporadas na textualidade. A crítica cognitiva na literatura infantojuvenil inclui, portanto, pelo menos três facetas: 1) estudar a mente como um fenômeno corporificado; 2) estudar a leitura como uma função da cognição; e 3) estudar codificações cognitivas embutidas na textualidade<sup>14</sup> (p. 102).

Como exploramos no capítulo quatro, Nikolajeva (2014c) divide esses estudos, dentro da literatura infantil, em dois: os que se focam em esquemas [schemas<sup>15</sup>], roteiros [scripts<sup>16</sup>] e

<sup>13</sup> Pesquisadores apontam, como veremos no quarto capítulo, que os ensaios e a ficção de Woolf têm temas em comum e são textos híbridos, podendo, muitos deles, ser caracterizados como ficção ensaística e vice-versa.

<sup>14</sup> “Cognitive narratology focuses on how brains receive and respond to various aspects of narrative; this field thus encompasses the study of both the textual features that trigger brain responses and the brain’s perceptual processes that allow for the completion of meaning-making. Cognitive narratology is particularly useful in the study of fiction for young readers because it helps scholars examine the interactions among childhood cognitive development, cognitive activity, and the cognitive cues embedded in textuality. Cognitive criticism in children’s and adolescents’ literature therefore includes at least three facets: 1) studying the mind as an embodied phenomenon; 2) studying reading as a function of cognition; and 3) studying cognitive encodings embedded in textuality”.

<sup>15</sup> Sumariza Dulce Amélia Neves (2006): os esquemas são "estruturas cognitivas relacionadas a um conjunto de conhecimentos armazenados em seqüência temporal ou causal, em que são mantidos os conjuntos de características dos objetos e seres que nos rodeiam. Por exemplo: procedimentos para fazer funcionar um aparelho" (p. 41)

metáforas conceituais [conceptual metaphors<sup>17</sup>]; e aqueles que se focam no engajamento afetivo como ferramenta de análise. Em todo caso, são estudos que tendem a relegar a arte a um segundo plano e se focam na capacidade da literatura de se desenvolver habilidades cognitivas. A literatura teria, então, uma função: “ensina e estrutura domínios conceituais; aumenta a operação da teoria da mente [...], que é um pré-requisito para compreender que alguém está mentindo [por exemplo]; e promove a aquisição de conceitos espaciais e habilidades de mapeamento cognitivo” (STEPHENS, 2013, p. ix).

Trata-se de uma abordagem bastante recente: não há menção à crítica literária cognitiva nos livros introdutórios de Kimberley Reynolds (2011) e David Russell (2018), nem nos compêndios organizados por Peter Hunt (2003), M. O. Grenby e Andrea Immel (2003), David Rudd (2010) e Daniel Hahn (2017), tampouco há verbete sobre o tema no dicionário de termos de literatura infantil (NEL; PAUL, 2021). Entretanto, uma singela mudança acontece com os livros mais recentes: há uma breve apresentação sobre o tema em *The Edinburgh Companion to Children's Literature* (2017), editado por Clementine Beauvais e Maria Nikolajeva. Também, discute-se brevemente esta teoria aplicada ao texto infantil em *Children's Literature* (2020), de Carrie Hintz, parte da coleção *New Critical Idiom*, da Routledge, que se preocupa em oferecer introduções acessíveis sobre temas complexos. Como discutiremos, há diversas maneiras de se ler um texto tendo como base a crítica cognitiva.

Nesta tese, pensamos na narratologia cognitiva como algo que promove o que Martha Nussbaum chama de imaginação narrativa. Para isso, lançamos mão dos estudos de Lisa Zunshine, que servem de aporte teórico à maneira como Maria Nikolajeva, Bettina Kümmerling-Meibauer e Roberta Trites desenvolveram suas pesquisas sobre o tema; mas, diferente delas, então, nós não discutiremos como as leituras de pensamento ajudam os leitores a desenvolverem habilidades emotivas ou a processarem emoções, mas como textos cognitivamente exigentes e esteticamente radicais e desafiadores podem ampliar nossa imaginação narrativa. Sanjida O'Connell define a Teoria da Mente como

o mecanismo que usamos para entender o que se passa na cabeça das outras pessoas. Como reagimos uns aos outros socialmente é o aspecto mais importante de nossas

---

<sup>16</sup> Sumariza Dulce Amélia Neves (2006): “os roteiros ou scripts são ações estereotipadas e predeterminadas aplicadas a situações definidas. Por exemplo, o roteiro aplicado quando vamos ao cinema ou a um restaurante” (p. 41).

<sup>17</sup> Peter Stockwell (2002) entende a metáfora como um padrão básico na forma como a mente funciona, centro da linguagem e do pensamento. Na metáfora conceitual, temos uma fonte [source] e um alvo [target]. Em “julieta é o sol” (elas são escritas desta forma), por exemplo, “julieta” é o alvo e “é o sol” é a fonte. Em língua inglesa, a metáfora conceitual *good is up*, por exemplo, está na base de expressões como “he was *over the moon* about it”, “i feel *on top of the world*”, “she’s really *gone up in the world*”, “i’m finally getting *on top of my workload*”, por exemplo (p. 109). Para mais informações, conferir Stockwell, 2002, p. 105-120).

vidas. Sem uma compreensão do que as pessoas pensam, o que elas querem e o que elas acreditam sobre o mundo, é impossível operar em qualquer sociedade. Teoria da Mente é o nome dado a essa compreensão dos outros. É a necessidade básica da humanidade e é entendida da mesma forma que em todo o mundo<sup>18</sup> (1997, p. 02)

Para Lisa Zunshine, a leitura de ficção envolve nossa Teoria da Mente, “um conjunto de adaptações cognitivas que nos permite navegar em nosso mundo social e também estrutura esse mundo. Espécies intensamente sociais que somos, lemos ficção porque ela envolve, em uma variedade de maneiras particularmente focadas, nossa Teoria da Mente” (ZUNSHINE, 2006, p. 162), que, como vimos acima, pode ser definida como a habilidade de se compreender que o outro tem pensamentos e sentimentos que podem ser diferentes dos nossos. Uma leitura da mente envolve atribuições de estados mentais: numa frase como “eu sei que a Branca-de-Neve *pensou* que a mulher que vendia maçãs era uma boa pessoa e também *sei* quais eram as reais intenções dessa personagem”, temos três níveis de leitura da mente. Nossa relação com os personagens ficcionais não tem contrapartida social: nós nos importamos com a Branca-de-Neve, que não se importa conosco. Blakey Vermeule (2011) conta que nós somos seres sociais e precisamos saber como as outras pessoas são. Ela mostra que as ferramentas usadas pelos autores para aguçar e manter o interesse dos leitores incluem mecanismos neurais que acionam uma resposta atenciosa. Ao ler ficção, nós exercitamos nossa leitura da mente por meio de experiências vicárias:

personagens fictícios vêm com muitos quebra-cabeças cognitivos. Alguns são constantes ao longo do tempo, enquanto outros mudam. Mesmo assim, apesar de toda a sua complexidade histórica, os personagens de ficção permanecem os mesmos em um aspecto: eles são os maiores esquemas já inventados de raciocínio prático. Nós os usamos para resolver problemas morais básicos ou para praticar novas situações emocionais. Nós os usamos para interagir em ambientes culturais. Nossos cérebros, eternamente pré-modernos, simplesmente não alcançaram a velocidade e a complexidade do vasto mundo em movimento - então, nós os usamos no lugar das estatísticas como ferramentas de navegação<sup>19</sup> (p. xii).

Zunshine (2012) vê o texto ficcional como uma sucessão de cenas de complexidade sociocognitiva variável. Ela usa esse conceito para descrever padrões de incorporações de estados mentais (um agrupamento em níveis, como no exemplo do parágrafo anterior), que

---

<sup>18</sup> “The mechanism we use to understand what is going on in other people’s heads. How we react to one another socially is the most important aspect of our lives. Without an understanding of what people think, what they want and what they believe about the world, it is impossible to operate in any society. Theory of Mind is the name given to this understanding of others. It is the basic necessity of humanity and is understood the same way the world over”.

<sup>19</sup> “Fictional characters come trailing many cognitive puzzles. Some are constant over time while others change. Yet for all their historical complexity, fictional characters stay the same in one respect: they are the greatest practical-reasoning schemes ever invented. We use them to sort out basic moral problems or to practice new emotional situations. We use them to cut through masses of ambient cultural information. Our eternally premodern brains have simply not caught up to the speed and complexity of the vast moving world—so we use them in place of statistics as tools to muddle through”.

podem ser associados a personagens, narradores, autores implícitos, entre outros, em diferentes combinações (2016). Para a pesquisadora, o padrão da ficção envolve um entrelaçamento de três níveis (uma mente dentro de uma mente dentro de outra mente). Entretanto, autores como Virginia Woolf chegam ao sexto nível (2006), o que torna seu texto bastante exigente; e, ao analisar os clássicos da literatura infantil, ela nota que os textos mal chegam a ter três níveis (2019). Se os grandes escritores se distanciam da literatura infantil, como colocam os pesquisadores já mencionados, seriam seus textos para crianças menos complexos que os para os adultos? Seria essa outra forma de minimizar seus experimentos estéticos? Os textos das mulheres abrem mão dos palimpsestos ao teoricamente se endereçarem a um “leitor novato<sup>20</sup>”?

Chamamos de imaginação narrativa, por sua vez, “a capacidade de pensar como deve ser se encontrar no lugar de uma pessoa diferente de nós, de ser um intérprete inteligente da história dessa pessoa e de compreender as emoções, os anseios e os desejos que alguém naquela situação pode ter” (NUSSBAUM, 2015, p. 95-6). Nesse sentido, a experiência de leitura permite a experimentação e a exploração de experiências vicárias a partir da vivência de personagens dos mais distintos *backgrounds*. Essa atribuição de estados mentais nos permite, então, ver o outro como um ser complexo (ou mais do que um simples corpo) numa cooperação empática que envolve os movimentos do texto para a vida e da vida para o texto, como coloca Nikolajeva (2014c).

Isto exposto, esta tese parte da hipótese de que há uma relação simbiótica entre a literatura infantil e o que se convencionou chamar de Modernismo literário. Parte-se do pressuposto de que esta é pouco estudada, pois tanto o referido subsistema ainda é compreendido como algo à parte do sistema literário, quanto pela ênfase em sua organização por gênero literário, em vez de cronologia (LUNDIN, 2004; ZIPES et al., 2005; WESTMAN, 2007; entre outros), no que se refere à tradição anglo-americana de estudos. Justifica-se, portanto, a eleição deste tema, tendo em vista o pouco material disponível nas bases de dados on-line sobre ele. A eleição do aporte teórico se explica, pois buscamos apresentar possibilidades de releituras e reavaliações de volumes tidos como de menor importância na produção de grandes escritoras e, no caso de Farjeon, recuperar uma autora que caiu em ostracismo. Em nossas análises, partimos da hipótese de que os livros infantis dessas

---

<sup>20</sup> Maria Nikolajeva (2014c) identifica como “leitor novato” o destinatário abstrato e hipotético do texto literário infantil, que não possui a capacidade de usufruir de todo o seu potencial estético. Ela empresta este termo de Maryanne Wolf (2008).

escritoras tanto possuem os palimpsestos que caracterizam a produção de mulheres, quanto são tão cognitivamente desafiadores quanto os textos para adultos.

Considerando o potencial do texto literário para crianças desenvolvido por mulheres modernistas, colocamo-nos em consonância com Dirce Waltrick do Amarante (2018), para quem

para entender Gertrude Stein, diria, para entender os vanguardistas de um modo geral, é preciso abandonar o conceito de leitura que nos impuseram ao longo dos anos em bancos escolares, ou seja, o de que o texto tem que ter, necessariamente, um começo, um meio e um fim, e que, de preferência, carregue um claro preceito moral. É preciso entender que a leitura carrega muito mais do que isso, ela é feita de música, ritmos, de brincadeiras humoradas com a linguagem e, principalmente, de percepções do próprio leitor (p. 98).

Esta tese, então, trabalha com as seguintes ideias/hipóteses: i) embora estudos acadêmicos realizados sobre o assunto nos indiquem um distanciamento entre o Modernismo e a literatura infantil, os corpora desta tese perpassa o interesse dos grandes escritores na literatura para crianças, em produções que muitas vezes se configuram como colaborações intergeracionais; ii) embora pesquisas já feitas afirmem que os modernistas minimizavam suas experimentações estéticas quando escreviam para crianças, as obras aqui abordadas nada devem às produções para adultos das escritoras de nossos corpora; iii) embora já se tenha afirmado que livros para crianças apresentam uma complexidade sociocognitiva de menor nível quando comparados a obras para adultos, os textos aqui trabalhados demandam tanto quanto essa produção no que se refere à atribuição de intencionalidades; iv) sendo textos de autoria feminina, as obras são permeadas por palimpsestos, que podem ser revelados por seu leitor implícito, mesmo se tratando de textos infantis; e v) a “estética da indiferença” que causa estranhamento no leitor adulto é convidativa para a criança, que não tem fixas regras gramaticais, além de auxiliar a promoção de sua imaginação narrativa.

Para a realização de nossos objetivos, dividimos esta tese em cinco capítulos. Trata-se de uma pesquisa que acredita na crítica feminista e, por isso, na importância de se reivindicar escritoras que foram negligenciadas pelo cânone ou esquecidas pela historiografia literária; e na necessidade de se apresentar re-leituras e re-avaliações de volumes considerados menores ou de menor importância na obra de uma escritora já consagrada. Assim, nosso primeiro capítulo busca familiarizar os leitores desta tese com as obras estudadas e seu contexto de produção, além de apresentar Eleanor Farjeon que, embora tenha sido uma importante e premiada escritora de livro infantil, foi rapidamente esquecida dentro desse subsistema: são poucas as suas obras ainda editadas em língua inglesa e não há traduções para o português

brasileiro. Ademais, consideramos possibilidades de origem da literatura infantil, enfatizando uma origem simbólica que mais tarde será associada a colaborações intergeracionais; e discutimos conceitos elaborados por Frank Kermode (2004) para analisar o processo de formação do cânone, no que se refere, especificamente, à literatura infantil.

No segundo capítulo elaboramos a possibilidade de uma relação simbiótica entre a literatura infantil anglo-americana e o modernismo literário. Para a realização dessa discussão, voltamo-nos à produção acadêmica disponível acerca de tal questão, focando-nos em duas obras eleitas por Karen Westman (2007) e centrais na evolução de estudos a respeito dessa temática: *Alice to the Lighthouse: Children's Books and Radical Experiments in Art* (1987), de Juliet Dusinberre, e *Radical Children's Literature: Future Visions and Aesthetic Transformations in Juvenile Fiction* (2007), de Kimberley Reynolds. Neste capítulo, buscamos elencar possibilidades que caracterizam o subsistema infantil tanto como autônomo quanto como confluyente com o sistema literário, identificando experimentos estéticos e suas potencialidades radicais. Assim, discutimos a bibliografia sobre o tema focando-nos nessas questões. Nosso terceiro capítulo, por sua vez, é um desdobramento deste segundo. Nele, fazemos um voo rasante pela participação dos modernistas na literatura infantil: obras escritas por eles, adaptações, reendereçamentos e afins, de maneira a indicar que sua participação no subsistema infantil não se restringe aos livros escritos por eles - muitos inicialmente de circulação privada e publicação póstuma - e envolve, na contemporaneidade, o valor simbólico (capital cultural) de escritores que já fazem parte do cânone literário.

Em nosso quarto capítulo, refletimos sobre a metodologia deste trabalho: a crítica feminista e a cognitiva, disciplinas interdisciplinares em si mesmas, elaborando possibilidades de aplicá-las na análise de textos para crianças. Por isso, exploramos e explicamos seus principais conceitos e objetivos, dos quais elegemos alguns para nos aprofundarmos, trazemos sua fortuna crítica e as tendências desses estudos na literatura infantil. O quinto e último capítulo tem como objetivo apresentar ao leitor possibilidades de leitura dos corpora desta tese. Partindo do pressuposto de que o texto de autoria feminina é permeado por palimpsestos, discute-se esses palimpsestos a partir da atribuição de estados mentais em diferentes situações de comunicação narrativa, sua complexidade sociocognitiva, de que maneira eles podem ser considerados radicais (sua estética, seus temas, entre outros) e quais suas implicações na imaginação narrativa de seu leitor.

*"When I use a word," Humpty Dumpty said, in rather a scornful tone, "it means just what I choose it to mean—neither more nor less." "The question is," said Alice, "whether you can make words mean so many different things." "The question is," said Humpty Dumpty, "which is to be master—that's all."*

-Lewis Carroll

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 1390 Geoffrey Chaucer escreveu um manual de instruções sobre o astrolábio, um instrumento náutico. Esse texto tinha como público-alvo seu filho Lewis e foi escrito apenas para a sua instrução; ou seja, tratava-se de uma obra de circulação familiar e privada. Dessa forma, pode-se considerar que o pai da literatura inglesa produziu, também, para crianças. Esta atitude de Chaucer foi replicada diversas vezes ao longo do tempo. As “mães inovadoras” da Inglaterra setecentista, por exemplo, produziam cartões, livretos, fichas, entre outros materiais educativos para seus filhos. Esse movimento culmina no surgimento e na comercialização dos primeiros livros de literatura infantil, de John Newberry e seus contemporâneos. O processo de interação entre adulto e criança contempla uma origem simbólica dos livros infantis: as histórias de Charles Dodgson (Lewis Carroll) e Alice, J. M. Barrie e os meninos Llewelyn Davies, a de J. R. R. Tolkien e seu filho são tão famosas quanto suas narrativas ficcionais.

Tivemos casos semelhantes no modernismo: Virginia Woolf foi coautora do suplemento *Charleston Bulletin* com seus sobrinhos Clive e Julian Bell, escreveu a narrativa “The Widow and the Parrot” (1982) para este caderno, além do conto “Nurse Lugton’s Curtain” (1991), por ocasião da visita da pequena Ann Stephen. Ambos os textos foram publicados como livros ilustrados de literatura infantil postumamente. James Joyce, por sua vez, escreveu cartas ao neto Stevie que, anos depois de sua morte, tornaram-se os livros ilustrados *The Cat and the Devil* (1957) e *The Cats of Copenhagen* (2012). Em ambos os casos estamos lidando com textos criados para uso doméstico e de circulação privada, que depois foram transmitidos à esfera pública e chegaram às mãos dos leitores de todo o mundo. Esses volumes se diferem de outros, como *The Old Possum’s Book of Practical Cats* (1939) e *The World is Round* (1939), respectivamente de T. S. Eliot e Gertrude Stein. Embora o primeiro seja oriundo de poemas escritos pelo autor para seus afilhados e o segundo tenha como protagonista uma garotinha vizinha da escritora, ambos os textos foram publicados pelos autores em vida e preparados para a circulação pública. Stein teve controle criativo até mesmo sobre as cores utilizadas no livro.

Os escritores modernistas participam do subsistema infantil de diversas maneiras. Tomemos e.e. cummings como exemplo. O autor americano imprimiu, em 1962, 500 cópias de *16 Poèmes Enfantins*. Essa obra foi postumamente ilustrada e a seleção de poemas foi expandida com outros quatro textos, o que resultou no volume *Hist Whist and Other Poems for Children*, publicado postumamente, em 1963. Os contos privados que cummings escreveu para a filha, Nancy, por sua vez, foram reunidos e publicados postumamente em *Fairy-Tales* (1965). Algumas das histórias presentes nesse volume foram, depois, publicadas separadamente: a primeira delas foi ilustrada por Valeria Della Valentina e impressa como livro infantil ilustrado na Itália, com o título *Il Vecchietto che diceva 'perché'* (1989); já a segunda, foi publicada como livro infantil ilustrado na Alemanha, como *Der Elefant und der Schmetterling* (2013). Por sua vez, um dos poemas mais conhecidos de cummings, “i carry your heart with me(i carry it in”, foi ilustrado por Mati Rose McDonough e lançado em 2014, num volume cuja ilustração provê novo significado ao texto: o eu-lírico se torna uma mulher grávida e o poema passa a tematizar os fortes laços entre mãe, filha e natureza. Já em *Little Tree* (2001), Chris Raschka escreve e ilustra uma história que é precedida pelo poema “little tree”, de cummings, que serve de mote a ela. Na capa dessa obra, o nome do modernista está impresso numa fonte maior que o de Raschka, embora seu poema tome apenas uma página do livro. Ou seja: cummings, em vida, preparou apenas um volume de poesia para os pequenos leitores. Mas o interesse do mercado editorial em seu nome e o capital cultural atrelado a ele não só culminou na divulgação de seus contos de circulação privada, que foram ilustrados e publicados (em coletânea ou separadamente), como também em adaptações e reendereçamentos de seus poemas, que antes circulavam em volumes destinados ao público adulto.

Costuma-se entender o modernismo literário como tendo ocorrido entre 1890 e 1945. Esse período de tempo, no subsistema infantil, é parcialmente simultâneo à Era de Ouro da literatura para crianças no contexto anglo-americano (1863-1926), época na qual foram publicados os volumes canônicos de Lewis Carroll, George MacDonald, Charles Kingsley, entre outros. Em textos clássicos no estudo da literatura infantil, Humphrey Carpenter (1985) e Jacqueline Rose (1984) apostam nas diferenças entre esses dois períodos literários. A Era de Ouro foi um momento formativo da literatura infantil e, para Rose, tornou-se ponto de fuga para aqueles autores que não queriam participar das discussões contemporâneas e da estética modernista. A literatura infantil é vista por ela como uma forma de resistência aos textos modernistas, que seriam muito difíceis e perturbadores para um tipo de leitor que necessita da

linearidade na narrativa. Rose vê "a criança" como um conceito que utilizamos para estabelecermos relações com as mudanças culturais de nossa época. Já Carpenter entende o período como um retorno à arcádia: as crianças protagonistas dessas narrativas vão para um *Enchanted Place*, para *Neverland*, *Wonderland*, para um *Secret Garden*, entre outros. Ele vê *The Book of Nonsense*, livro de Edward Lear publicado poucas décadas antes do início da Era de Ouro, como uma possibilidade de alienação do mundo real, que nas obras de A.A. Milne e de seus contemporâneos é representada pela fuga para as sociedades árcades. Ao discutir os livros do escritor mencionado, Carpenter afirma que são obras cuja análise literária é dispensável, pois suas histórias são apenas exercícios humorísticos; isto é, quase não há camadas de significados mais profundos (1984, p.202).

Outros estudiosos - e com estes nós nos aliamos nesta tese - têm uma perspectiva diferente ao refletir sobre a literatura dita para adultos e o subsistema infantil e veem ambos como confluente. Juliet Dusinberre (1987), por exemplo, acredita que características que se popularizaram na literatura modernista - como a narrativa não-linear, a ausência de uma moral intencionalmente colocada, as palavras como jogo e o fim do narrador como uma espécie de pregador - se originaram, na verdade, nos textos que Lewis Carroll e seus contemporâneos escreveram para crianças. Sua tese é a de que os experimentos radicais na arte moderna se originaram na literatura infantil. Virginia Woolf, como Dusinberre comprova em seu livro, foi leitora dos livros de *Alice* e, se cada autor cria seus precursores, como discute Jorge Luis Borges (1951), então temos em Lewis Carroll e Edward Lear precursores de Woolf e James Joyce. O que nós discutimos nesta tese foi a maneira como esses grandes escritores modernistas chegam ao subsistema infantil. Afinal, muitos deles, como já dissemos, escreveram para crianças, ainda que alguns não tivessem intenção de publicar esses textos. Além disso, tantos outros tiveram seus textos - e mesmo suas vidas, através de biografias ilustradas ou romances gráficos - transportados para o universo infantil, sua literatura e cultura.

Uma das questões que observamos foi a maneira como estes autores conduziram sua estética no livro infantil. Victoria de Rijke (2020) afirma que as crianças estão menos familiarizadas com as estruturas e regras rígidas de gramática e da sintaxe e sabemos que Gertrude Stein teve melhor recepção inicial entre elas do que com o público adulto, que julgava o seu trabalho como de difícil compreensão, sobretudo por conta da linguagem, o que acabou gerando um distanciamento [detachment] entre ela e os leitores. Seu texto, seja para adultos, seja para crianças é caracterizado por sua língua negativa, conduzida por percepções

sonoras. Para Rijke (2020), os livros modernistas para crianças caracterizam-se por uma acessibilidade que é democrática e desprovida de hierarquias, pois possibilitam a caça pelo significado do texto, demonstrando que a leitura não é apenas decodificação, mas também engajamento com o livro e sua proposta. Nesse sentido, aproximam-se da estética difundida por Carroll e seus contemporâneos. São os leitores que devem dominar as palavras, como Humpty Dumpty coloca em nossa epígrafe. Esse engajamento culmina no desvelamento daquilo que a literatura anglo-saxã conceitua de “concealing kenning”, o significado escondido. De Rijke vê no fluxo de consciência, por exemplo, um dispositivo que se aproxima das primeiras narrativas das crianças, frequentemente repetitivas, com erros e brincadeiras gramaticais, além de serem permeadas por um discurso não mediado. Essa técnica literária é usada por Virginia Woolf em seus contos e suas colaborações com os sobrinhos não são pautadas pela hierarquia.

Esse discurso não mediado caracteriza também as narrativas dos personagens infantis do início de *As Ondas* (Woolf) e pode ser percebido no discurso do jovem Stephen Dedalus no começo de *O Retrato do Artista Quando Jovem* (Joyce). Woolf teve sua vida bastante explorada por meio de biografias e também no cinema. Foi uma escritora bastante prolífica, tendo escrito ensaios e ficção e isso tudo está presente na biblioteca para crianças que a contempla. Ela teve sua vida contada em romances gráficos (como *Virginia Woolf* (2013), de Michèle Gazier e Bernard Ciccolini), livros ilustrados (como *Virginia Woolf - La Escritora de lo Invisible* (2008), de Luisa Antolin Violeta e Antonia Santolaya), teve sua teoria explorada em *Una Stanza tuta per me* (2017), de Serena Ballista e Chiara Carrer, obra na qual sua discussão sobre ser uma (mulher) escritora e o seu fazer são comparados aos de uma aranha (que precisa de uma casa para fazer sua teia). Woolf também teve sua relação com a irmã ficcionalizada em *Virginia Wolf* (2012), premiada obra de Kyo Maclear e Isabelle Arsenault, que discute a depressão infantil, responsável por transformar a criança num lobo e deixá-la com humor e disposição “lobísticas”.

Entre 1923 e 1927 Woolf não apenas escreveu alguns de seus mais notáveis romances (*Mrs. Dalloway*, publicado em 1926 e *To the Lighthouse*, publicado em 1928) e ensaios (como “Modern Fiction”, reunido na coletânea *The Common Reader*, de 1925) mas também colaborou com seus sobrinhos Julian e, sobretudo, Quentin Bell no suplemento *Charleston Bulletin*. O compilado desses cadernos foi lançado em um único volume pela British Library e conta com (a ficcionalização de) momentos na vida dos habitantes de Charleston, como Vanessa Bell (“Scenes in the Life of Mrs Bell”) e Duncan Grant (“The Dunciad”). Os textos

são escritos por Woolf e ilustrados por Quentin. Assim, concluímos que havia uma parceria de trabalho reconhecida entre o adulto (escritor) e a criança (ilustrador). Victoria Ford Smith (2017) afirma que esse tipo de colaboração intergeracional elucida a participação da criança real em sua cultura e também em sua literatura. Ademais, Woolf viu na literatura infantil uma possibilidade de experimentação estética, mesclando os dispositivos literários que caracterizam sua obra para adultos ao absurdo e ao *nonsense*.

Ao discutir a impossibilidade da literatura infantil, Jacqueline Rose (1992) enxerga o subsistema como um constructo no qual a criança é um mero *outsider* no qual são projetados os valores e expectativas do autor (adulto), que deve assegurar os princípios e as normas vigentes. A prática de Woolf põe em xeque a afirmação de Rose, pois seus sobrinhos são parceiros criativos e, portanto, essenciais para a prática autoral. Marah Gubar (2009), ao debruçar-se sobre a Era de Ouro da literatura infantil, afirmou que escritores como Charles Dickens, Lewis Carroll e Frances Hodgson Burnett não queriam que sua autoridade enquanto autores adultos eliminasse a possibilidades de agência e criatividade por parte de seu leitor e, por isso, estavam interessados na colaboração das crianças (seja como atores, como autores, ou como editores) para a elaboração de seus textos.

Neste trabalho nós discutimos dois dos contos de Virginia Woolf escritos para seus sobrinhos: “The Widow and the Parrot” e “Nurse Lugton’s Curtain”. Rovin (2016) afirma que muitos modernistas minimizam suas técnicas de escrita nos textos para crianças e cita Woolf como exemplo. Nesta tese, vimos que isso não é verdade, pelo menos no que diz respeito à atribuição de estados mentais e à presença de palimpsestos. Os cientistas cognitivos chamam de “teoria da mente” ou “leitura da mente” nossa habilidade de explicar o comportamento das pessoas a partir de seus pensamentos, sentimentos, desejos e/ou intenções, isto é, a partir de seus estados mentais. Esses pesquisadores afirmam que nós lidamos com os personagens ficcionais como se fossem reais no sentido de que também atribuímos estados mentais a eles: criamos teorias sobre os personagens e como eles enxergam uns aos outros. Em nosso dia a dia, lidamos normalmente com duas incorporações mentais (eu *sei* que ela *pensa* tal coisa) e a linha de base da ficção é um alinhamento de três estados mentais (Romeu *não sabe* que Julieta simplesmente *queria* que as pessoas *pensassem* que ela estava morta) (ZUNSHINE, 2016). Os seres humanos têm dificuldades em acompanhar alinhamentos mentais superiores a quatro níveis e, como nos mostra Lisa Zunshine, em *Mrs. Dalloway* Woolf chega ao sexto nível de complexidade sociocognitiva (2006). A leitura deste romance, então, é um desafio cognitivo muito grande e exigente.

Por isso, ao analisar *Mrs. Dalloway*, Lisa Zunshine (2006) afirma que certos aspectos da escrita de Woolf demandam uma grande capacidade de leitura da mente por parte do leitor. Essa exigência fica mais clara se considerarmos a noção de palimpsesto e como ela opera dentro de sua obra infantil. Essa nova associação levaria em conta outros aspectos narratológicos: o narrador, o autor implícito e demandaria uma atribuição ainda maior de intencionalidades por parte do leitor, desvinculando os textos de público primário: as crianças, que como leitores iniciantes, não seriam capazes de compreender tal camada de significado.

Segundo Laura Marcus (2010), pode-se traçar uma linha estreita entre a não-ficção feminista de Woolf e sua ficção, pois suas narrativas retomam imagens de seus ensaios e vice-versa. Por exemplo: segundo Sayaka Okumura (2008), o tricô feminino é, na obra de Woolf, um reflexo da própria mulher-escritora e de seu processo de escrita. Nesse caso, pode-se dizer que “Nurse Lugton’s Curtain” tematiza questões trabalhadas pela escritora tanto em seus ensaios quanto em sua ficção. Mesmo realizando uma atividade normalmente associada às mulheres, a enfermeira Lugton é impedida de usufruir dela fora da barreira dos sonhos. Isto é, ela é uma mulher criativa, mas que não desfruta conscientemente de sua imaginação. Se o palimpsesto esconde em seu sentido profundo o tricô como alegoria da escrita (da mulher), Lugton é uma personagem tolhida por uma tradição que enfatiza e assegura o masculino e o exercício da ficção imaginativa como permeada por uma voz que não é garantida às mulheres. Neste conto, fomos capazes de atribuir mais intencionalidades aos seus personagens que a ela própria.

Já Mrs. Gage, a viúva de “The Widow and the Parrot” vê na fortuna do irmão a possibilidade de mudar de vida. Como uma viúva vitoriana, a herança do irmão era seu único meio de enriquecer e ela sabe que deve escondê-la das instituições. O palimpsesto está na denúncia dessa condição. Woolf brinca com a popular *quest narrative* [narrativa de buscas] e a subverte ao fazer da protagonista uma velhinha sem grandes habilidades heróicas como costumam ser os protagonistas dessas histórias (*Le Morte d'Arthur*, *Beowulf*, *A Odisséia*). Quem está à procura do tesouro escondido é uma simples viúva e um papagaio, que só se torna seu “fiel escudeiro” depois de perceber que ela se importa com ele (nesse sentido, um personagem atribui estados mentais a outro). A já subversiva narrativa de Woolf (a personagem idosa de início, conforme Nikolajeva, causa certo distanciamento do leitor) toma um rumo inesperado no momento de sua resolução, ganhando contornos fantásticos, brincando com as expectativas de quem lê ao comprovar que os laços entre os personagens

eram sobrenaturais, não apenas de amizade. Dessa forma, não apenas Mrs. Gage está numa jornada de buscas, mas o leitor também precisa descobrir um tipo de mistério, pois lida com um narrador que procura surpreendê-lo ao apontar caminhos antes não imaginados. Por essas razões, os textos promovem desafios que podem expandir a imaginação narrativa de um leitor primário que, ao trazer experiências do texto para a vida e da vida para o texto, passa a ter maior compreensão das pessoas ao seu redor.

As cartas de James Joyce ao seu neto, que mais tarde viraram os já mencionados livros infantis ilustrados *The Cat and the Devil* e *The Cats of Copenhagen*, foram escritas em agosto de 1936. O escritor irlandês já havia publicado *Dubliners* (1914) e os romances *A Portrait of the Artist as a Young Man* (1916) e *Ulysses* (1922), então já era um escritor maduro e que tinha aperfeiçoado suas técnicas. Não é o caso de Virginia Woolf, que escreveu “The Widow and the Parrot” para o suplemento que publicava em co-autoria com seus sobrinhos, como dissemos anteriormente e, também ao contrário dela, não viu nesse espaço um lugar de experimentação. “Nurse Lugton’s Curtain”, por sua vez, foi descoberto nos manuscritos de *Mrs. Dalloway*, seu segundo romance. Tratava-se de uma primeira versão, intitulada por Leonard Woolf como “Nurse Lugton’s Golden Thimble”.

Ao lermos esses textos combinando a crítica cognitiva e a feminista, percebemos intencionalidades que englobam as três situações de comunicação narrativas: entre personagens, entre narrador e narratário, entre autor e leitor implícitos. Tomando a narrativa da babá Lugton como exemplo e considerando essas diferentes situações, temos: os habitantes do burgo *têm pena* dos animais, pois *sabem* que estes estão à mercê das *vontades* da babá Lugton (3 níveis); o narrador *quer que saibamos* que a babá tem *medo* de animais e que o simples contato com uma mosca já lhe *assusta*, o que impediria esse contato fora do mundo dos sonhos (3 níveis); o autor implícito *pretende* que o leitor implícito *reconheça* que a artista *não consegue fruir* sua própria produção e *teme* o contato com seus produtos (4 níveis). Em consonância com Lisa Zunshine (2019), acreditamos que seria errado supor que, em nossa leitura do texto literário, fatoramos os estados mentais do autor implícito e do leitor. Contudo, se levarmos em conta nossa posição enquanto leitores e o desnudamento de palimpsestos, devemos especular como a escritora pode ter intuitivamente antecipado o pensamento de seus leitores. Em Gertrude Stein, por exemplo, observamos uma falsa sensação de liberdade (semântica e sonora) ao longo de um texto que, na verdade, aprisiona sua personagem num mundo eufórico de verdades imutáveis.

Stein publicou para crianças ainda em vida e foi relativamente bem recebida por elas, que apreciaram seu texto pelos mesmos motivos que os leitores adultos a criticavam. *The World is Round* (1939), segundo Marcie Panutsos Rován (2016), foi bem acolhido entre as crianças leitoras e entre os críticos contemporâneos que, segundo Jacquelyn Ardam (2011), afirmavam que Stein havia finalmente encontrado seu público. O romance foi publicado em 1939, com ilustrações de Clement Hurd e dedicado à vizinha de Stein, a pequena Rose, que tem sua vida ficcionalizada e faz as vezes de protagonista deste volume, publicação na qual Stein teve total controle criativo e em nada deve, esteticamente, às suas outras biografias. A participação de Stein como escritora de livro infantil não se encerra neste texto. Em 1940, ela escreveu *To Do: A Book of Alphabets and Birthdays*; seu terceiro texto para crianças, *First Reader*, foi escrito em 1941; e o quarto e último, *Three Plays*, em 1943. *First Reader* e *Three Plays* foram publicados em conjunto somente em 1948, vendidos num único volume e direcionados a um público adulto. *To Do* foi publicado somente em 1957, 11 anos depois da morte da escritora, como parte da coleção de textos inéditos, lançada em oito volumes. Sua primeira edição ilustrada seria publicada somente em 2011, 54 anos depois desta publicação. Os editores, na época, acharam que os textos não eram adequados ao público infantil. Neles ainda estão presentes a língua negativa da escritora e sua atmosfera de pesadelo, que ora retomam com o *nonsense* de Carroll e Lear, ora podem ser associados ao *Struwwelpeter* (1845).

Gertrude Stein foi tema do livro de literatura infantil ilustrado *Gertrude is Gertrude is Gertrude* (2009), uma espécie de apresentação da escritora aos jovens leitores escrita por Jonah Winter e ilustrada por Calef Brown. Nesta obra, o narrador diz: “você pode escrever o que quiser também, se você for Gertrude. Uma frase pode ser qualquer coisa, se você for Gertrude. Você não precisa fazer sentido (se você é Gertrude)<sup>434</sup>” (p.26). O leitor não é Gertrude, mas passa a sê-lo, ao reorganizar seu texto em busca de seus diversos sentidos: ler Gertrude Stein é, também, ser autor de literatura, explorar os limites da língua e suas potencialidades sonoras e isso acontece em *The World is Round*. No próprio *release* da editora há a recomendação: ignore as vírgulas que não estão no texto, não se importe com o sentido. Também deve-se ler as palavras cada vez mais rápido. Então o leitor torna-se autor: ele faz as perguntas, as afirmações, as pausas e entonações, explorando o controle que nossa epígrafe chama a atenção. O que Stein faz neste romance é propor uma falsa liberdade ao leitor, pois ao mesmo tempo que fornece a ele o material para conduzir a história, aprisiona-o

---

<sup>434</sup> “You can write whatever you want too, if you’re Gertrude. A sentence can be whatever, if you’re Gertrude. You don’t have to make sense (if you’re Gertrude)”.

com sua personagem num mundo de narrativas-mestras, no qual a inventividade é oprimida pelo factual e se preza pela heteronormatividade. A presença do mundo redondo percorre todo o texto, seja por meio das ilustrações, seja por meio do texto verbal, cíclico em si mesmo com suas insistências. Nesse sentido, a falsa liberdade aprisiona em voltas e voltas.

Acompanhar o encadeamento de mentes no texto steiniano não é tarefa fácil, pois suas insistências são tão libertadoras quanto aprisionadoras, uma vez que o leitor pode se perder em seu jogo ficcional na maneira como é construído verbalmente. O narrador *quer que saibamos* que cantar deixa Rose *triste* e Willie *feliz*. Isso é essencial para a narrativa: a menina não tem certeza nem se continuaria sendo a mesma se não se chamasse Rose. Seu primo, por outro lado, tem a certeza e a segurança que ela não tem, embora se questione poucas vezes. Ao oferecer seu leão para proteger Rose, ele incorpora um estereótipo social. A estrutura do palimpsesto é novamente útil para uma compreensão da camada mais profunda do texto. Quando Rose chega ao topo da colina e senta em sua cadeira azul, começa a anoitecer. A noite engole tudo: o verde da grama, o azul do céu e isso amedronta Rose, que olha as estrelas. Ela se lembra de que lhe ensinaram que as estrelas são redondas, então ela não as reconhece mais como estrelas. Ela tem medo do desconhecido que o escuro traz, além de não ter segurança quando sua vivência se choca com o saber abstrato. Ela enxerga uma luz redonda: é seu primo Willie, por quem ela chama em sua última canção. O texto termina dizendo: “eles viveram felizes para sempre e o mundo continua sendo redondo<sup>435</sup>”: não há escapatória.

Nas diferentes situações narrativas: Willie *se preocupa* com a sua prima Rose e *acredita* que cedendo seu leão a ela, ela vai se sentir *protegida* (3 níveis); o narrador *quer que saibamos* que Rose *fica triste* quando descobre que as estrelas são redondas porque ela *não usufrui* o mundo deste modo (3 níveis); a autora implícita *quer que percebamos* que não há como fugir das narrativas mestras que regem a sociedade através de Rose, que *passa a acreditar* nelas (mais especificamente na heteronormatividade) ao *conceber* Willie como seu único possível salvador, papel que ele já havia *reconhecido* em si mesmo ao compartilhar com ela seu leão com o *intuito* de protegê-la (6 níveis). Nesse sentido, o menino já havia internalizado seu papel masculino (de provedor, protetor) ao oferecer seu leão para proteger a (então) prima e que ela, depois de pouco tempo, recusa. Para ela, não tinha serventia: não podia entrar com o animal na escola. Então há uma liberdade do leitor enquanto autor, mas um aprisionamento do leitor enquanto leitor, pois a narrativa de Rose a aprisiona e, ao fazer

---

<sup>435</sup> “They lived happily ever after and the world just went on being round”.

isso, o texto ganha contornos eufóricos, como concebido por Regina Zilberman (2003). Não há como fugir das regras (da física, da sociedade). O final apressado de Stein, sem grandes detalhes, não é passível de fuga: eles se casam e têm filhos. As incertezas, entretanto, continuam: às vezes, cantar ainda fazia Rose chorar. O mundo azul e rosa de Rose é, na verdade, um pesadelo escuro que se aproxima cada vez mais da menina ao longo da narrativa e que a aprisiona no final: é impossível escapar do mundo redondo, das narrativas-mestras científicas e sócio-culturais. Isso não impede o exercer da imaginação narrativa, aqui criada pelas ligações sonoras e uma ligação empática com a curiosa Rose.

Eleanor Farjeon é um caso diferente das demais. Ela foi uma escritora de livro infantil reconhecida em vida por essa atividade, sendo premiada por ela, ainda que hoje não seja tão conhecida pelo público leitor. Tinha boa recepção entre os leitores e entre os críticos. *Martin Pippin and the Apple Orchard* é um romance essencialmente *crossover*: escrito para adultos, ele se populariza entre os jovens leitores. Bastante descritivo e rico nos detalhes (principalmente seus cenários bucólicos, que dão pinceladas de contos de fadas ao condado de Sussex na Inglaterra), Farjeon recria, nele, a arcádia idílica a que se refere Carpenter. Isso não quer dizer, entretanto, que seu texto esteja preso a uma única leitura e que não tenha significados múltiplos e possibilidades diversas de interpretação. Não é à toa que o livro foi premiado por um grupo que via na literatura infantil uma esperança no mundo pós-guerra através da conscientização crítica pelo livro infantil. O texto de Farjeon é um híbrido experimental que, escrito ao modelo chauceriano, não se conforma em ser “apenas um romance”: é partitura musical, é peça de teatro, é poesia, é conto e também subverte algumas dessas estruturas e mistura outras. O sonho que alimenta “The Mill of Dreams” transborda para a própria narrativa, por exemplo, que ganha contornos do inconsciente com a ausência de rubricas e o leitor deve prestar muita atenção no momento de se atribuir falas aos personagens. O texto é um apanhado de intencionalidades e tudo o que é dito nele tem um propósito que almeja ser alcançado, o que aguça a imaginação narrativa e sua capacidade de colocar-se no lugar do outro através de jogos mentais. Algumas de suas descrições também são melhor associadas às instruções de uma autora aos atores de seu texto dramático. Martin Pippin quer salvar a jovem Gillian e para isso deve comprovar às leiteiras a necessidade do amor e, para a consecução desse objetivo, lança mão de histórias melodramáticas e exageradas, mas que nunca são apenas isso.

Neste romance, todos têm um ponto de vista a ser provado e isso inclui o próprio Old Gillman, pai-carrasco que mantém a filha (falsamente) aprisionada. Ele revela, no fim da

narrativa, que nunca manteve a filha trancada e que a porta esteve sempre aberta, mas que fez isso para provar que os jovens precisam ir direto ao ponto para conseguirem o que querem: não há espaço para floreios e enrolações. O menestrel sempre tem algo a ensinar às meninas com suas histórias: ele *quer*, com seu segundo conto, que as meninas *saibam* que se Dorothea *não se interessasse* pelo estudo dos homens, nem ela, nem seu amado seriam *felizes* (4 níveis). Gillian, por sua vez, *quer* que Martin *saiba* que as mulheres não se *entristecem* por amor, mas *lastimam* a falta dele (4 níveis). Essa discussão sobre a natureza das mulheres (muito chauceriana por si só) também não existe desprovida de intencionalidade. O menestrel tem uma missão e a autora implícita *quer que entendamos* que Gillian *sabe* que ele vai *manipular as crenças* de cada uma das meninas para que se *compadeçam* da situação dela e o ajudem a libertá-la (5 níveis). O leitor até pode concordar com o pai de Gillian: se Robin Rue quisesse ficar com Gillian, não ficaria à mercê de um salvador: iria ele mesmo buscar sua amada.

Esse nível de intencionalidade chega também à autora implícita: ela *quer nos mostrar* que se as mulheres *desejam* o amor, podem conseguí-lo sem o *reconhecimento* de um “príncipe encantado” para salvá-las (3 níveis): é Violet quem decide revelar-se ao príncipe William, por exemplo. Essas mulheres também devem se travestir para serem reconhecidas num mundo cuja ação é masculina. Violet *sabe* que deve se disfarçar de ferreiro para poder exercer a profissão que lhe dá seu sustento, Rosalind *compreende* que deve se tornar o seu próprio guerreiro medieval para proteger o cervo, Dorothea *sabe* que está apaixonada e subverte as normas do casamento e beija seu amado na frente de seu marido. Pippin acredita que as mulheres são boas demais para os homens e, nesse sentido, a autora brinca com a própria intenção dele ao contar essas histórias: ele mostra às meninas a importância do amor (a narradora *quer que compreendamos* que ele *sabe* que deve *enganar* as meninas) e, a si mesmo, a sagacidade das mulheres.

Sylvia Plath não foi uma modernista, mas representa uma geração posterior. Seu envolvimento com a literatura infantil está relacionado com sua luta por ser publicada. Lissa Paul (2005) conta que em 1957 Plath e seu marido, Ted Hughes, haviam inserido a literatura infantil em seu repertório criativo. Eles tinham economizado o suficiente para se bancarem por um ano apenas exercendo a escrita e, nesse período, reconheceram o papel que a literatura infantil poderia ter na realização de seus objetivos. Diz a pesquisadora que eles já sabiam que muitos dos temas da poesia de Hughes - como os animais, a natureza e o folclore - eram considerados apropriados para crianças e Plath começou a trabalhar cada vez mais com esses

temas pelo viés romântico, que via a infância em relação com a imaginação e o mundo natural.

Se Hughes tornou-se um popular escritor infantil, Plath só teve um poema infantil publicado em vida: “The Bull of Bendylaw”, que apareceu na edição de abril de 1959 da revista infantil *Horn Book Magazine*. Esse texto depois apareceu em *The Colossus* (1960), o único volume de poesia publicado antes de sua morte. Curiosamente, ele não aparece em sua compilação de textos infantis, publicada postumamente, que contém os contos “The it-doesn’t-matter Suit” e “Mrs. Cherry’s Kitchen” e o poema “The Bed Book”, ambos rejeitados em vida. Deve-se notar que Plath sabia para qual veículo enviar suas obras e os estudava, isto é, conhecia seu público, o que nos leva a considerar a potencialidade *crossover* de “The Bull of Bendylaw” e questionar sua exclusão das compilações das obras infantis da escritora. O título do poema foi considerado por Plath como título do volume que terminou sendo *The Colossus* e, para Paul, “é possível ver ‘The Bull of Bendylaw’ como um *locus* potencial dos poemas de Sylvia para adultos e crianças, poemas impregnados de tradições míticas, baladas e folclóricas<sup>436</sup>” (2005, p. 265).

Os contos e o poema presentes em *It Doesn't Matter Suit and Other Stories* ou *Collected Children's Stories* são os mesmos e se pautam por recursos comuns aos contos de fadas. A repetição é talvez o mais utilizado entre eles: o pai e os irmãos precisam experimentar o terno até chegar a vez de Max Nix; os utensílios domésticos de Mrs. Cherry participam de uma sucessão de erros até desejarem retomar suas funções “de fábrica”; há um desfile de camas para todos os gostos e necessidades. Os contos recorrem a uma integração de mentes em diferentes situações de comunicação narrativas e tematizam a intencionalidade. Em “It-doesn’t-matter suit” são as expectativas sociais (traduzidas em como as outras pessoas podem nos ver) que conduzem o texto. Então, por exemplo, Walter *queria* uma vara de pescar e, quando vê o terno amarelo-mostarda, *acredita* que os peixes *podem se assustar* ao verem seu terno (3 níveis). Hugo *queria* uma faca de caça e, ao provar o terno, *pensa* que a raposa poderia achá-lo *engraçado* e fugir dele (3 níveis). Por isso, trata-se de um texto cuja força catalisadora está na atribuição de estados mentais. Cada irmão está preocupado com algo. Ao incluirmos outra situação comunicativa narrativa: o narrador *quer que percebamos* que Paulo *finje* que não tem mais idade para o terno, mas *saibamos* que, na verdade, ele *teme* que os amigos *ensem* que ele é espalhafatoso (5 níveis). Max, que quer um terno para o ano todo e para se fazer tudo, prova que os irmãos estão errados. Os peixes *ficam curiosos* para saber o

---

<sup>436</sup> “It’s possible to see ‘The Bull of Bendylaw’ as a potential locus of Sylvia’s poems for both adults and children, poems redolent with mythic, ballad, and folkloric traditions”.

que é aquilo que brilha tanto e a raposa *acha* que Max é uma galinha gorda e amarela, o que a atrai. Noutro âmbito narrativo, o narrador quer que saibamos que Max *deseja* um terno e que ele *pretende* fazer de tudo com ele e está *ansioso* para que a vestimenta chegue logo até ele. Na verdade, o que se tematiza nesta história são as más leituras de pensamento. Nem sempre acertamos quando atribuímos a outras pessoas estados mentais.

No conto de Mrs. Cherry, a Batedeira *acredita* que ela consegue fazer o trabalho do Ferro, que *quer* fazer as vezes de Chapa de Waffles e assim por diante. O narrador, por sua vez, *quer* que saibamos que os duendes da cozinha são *confiáveis* e têm como função a organização deste espaço. Neste conto, Pimenta *sabe* que Sal *tem o conhecimento* de que sua obrigação é manter *felizes* os utensílios domésticos e, mesmo *sabendo* que é impossível um realizar o trabalho do outro, concorda em deixá-los experimentar, pois *teme* que a negativa pode acarretar numa greve (5 níveis). A intencionalidade palimpséstica por parte do autor implícito pode ser pensada à luz de Lissa Paul (1997): apesar de intitular a história, “Mrs. Cherry’s Kitchen” não é sobre a senhora Cereja, que tanto é alheia ao espaço que existe sob sua responsabilidade, quanto tem suas ações ignoradas pelo narrador: quando vai visitar os gatinhos dos vizinhos, ela é esquecida. O foco, afinal, é sua cozinha. Mamãe Nix, por sua vez, é uma personagem que não participa do jogo de intencionalidades da ação de “The it-doesn’t-matter suit” mas essa ação só existe por conta dela, pois é a responsável pelo ajuste dos ternos de seus filhos. Enquanto eles querem prová-lo, ela quer que eles sejam capazes de fazê-lo e de usufruir a vestimenta. Embora o texto coloque essa personagem como existente aquém do fio condutor da narrativa, o espaço que ela ocupa pode ser visto criticamente: o narrador quer que se perceba que nem se cogita a mãe como destinatário do terno, pois este nada teria de serventia no espaço doméstico no qual sua participação é restrita.

Quando Lisa Zunshine volta sua atenção para os livros infantis (2019), nota que estes lidam com poucos estados mentais e, mesmo nos clássicos do subsistema, ela precisou ler atentamente para encontrar três estados mentais. Não é o caso, como pudemos ver, dos textos destes corpora, que apresentam grande complexidade sociocognitiva. Ademais, a participação dos modernistas (seja durante, seja na contemporaneidade) na literatura infantil é bastante diversa e pode ser entendida num grupo de movimentos, como vimos no terceiro capítulo e que incluem: textos publicados em vida e direcionados ao jovem leitor (como *The World is Round*, de Stein; textos de circulação apenas familiar, que postumamente foram transformados em livros ilustrados de literatura infantil (como é o caso de James Joyce); textos rejeitados por editoras, mas que foram pensados para um público infantil e publicados

postumamente (como *To Do*, de Stein); participação de modernistas em coletâneas temáticas de diversos autores (como é o caso de “He Wishes for the Cloths of Heaven”, poema de W.B. Yeats que integra a coletânea *Barefoot book of classic poems* (2006), organizada por Jackie Morris); coletâneas organizadas pelos próprios poetas e endereçadas às crianças (como *You Come Too* de Robert Frost); coletâneas de um poeta específico para crianças organizadas postumamente por terceiros (*A Swing for Birches*, com textos de Robert Frost); a transposição do texto do livro dito adulto para o livro de literatura infantil ilustrado (como *Fern Hill* de Dylan Thomas); transposições de livros infantis com ilustrações para livros infantis ilustrados (*Macavity* e outros dos poemas de gatos de T.S. Eliot, que ganharam edições próprias); biografias de personalidades contadas através do livro ilustrado para crianças, com diferentes enfoques (*A pocket of time: the poetic childhood of Elizabeth Bishop*); e trabalhos críticos e de edição, como é o caso do posfácio de Auden no livro *The Golden Key*.

Essa pluralidade de textos nos mostra quão diversa é a produção desses escritores na literatura infantil, seja enquanto em vida (as narrativas de Gertrude Stein e os poemas de T.S. Eliot; os comentários de W.H. Auden; as coletâneas de W.B. Yeats), seja em publicações póstumas (os contos de Virginia Woolf e as cartas de James Joyce); seja através de reendereçamentos ou biografias ilustradas.

Na edição da editora Abrams de *The Crows of Pearblossom*, de Aldous Huxley, há a inscrição: "author of Brave New World" [Autor de Admirável Mundo Novo]. Essa frase é uma “piscadela” através da qual podemos pensar nos demais textos: quem se interessa pela grandiosidade dos autores dessas obras na contemporaneidade não é seu público primário, mas o adulto que de alguma maneira tem conhecimento de sua importância por conta das mais diversas instâncias de legitimação, que os colocaram como grandes nomes do cânone literário ocidental; ou pelo menos essa parece ser a aposta das editoras: o capital cultural que esses escritores trazem e o sucesso a curto prazo (o cânone é um eterno best-seller, como diz Ferreira (2009)). Assim, são obras essencialmente *crossover*. Embora *The World is Round*, por exemplo, tenha sido publicado como livro infantil e bem recebido pelas crianças, hoje é um texto que tende a ser publicado para adultos. A última edição em língua inglesa é também um verdadeiro trabalho de design, não é à toa que foi publicado pelo selo HarperDesign da editora HarperCollins: o foco não é mais no leitor infantil. Isso acontece também com a edição alemã da obra, por exemplo, cujo *press release* busca desconectar o livro do subsistema infantil, promovendo-o como “pouco infantil” e aproximando-o da obra adulta da escritora.

A tese de Juliet Dusinberre é a de que a visão romântica – alimentada parcialmente pelos poetas do período – de criança e infância como um lugar de imaginação, prazer e criatividade ajuda a nutrir aquilo que culmina nos experimentos literários de Lewis Carroll e de seus contemporâneos, que por sua vez permitem a inventividade modernista da geração de Virginia Woolf. Essa maneira de se pensar o texto infantil modernista nos permite refletir sobre literatura como fez T. S. Eliot (ele próprio retoma Lear e Carroll em sua produção), para quem todo escritor tem algum tipo de relação com aqueles que escreveram antes dele. Nesse sentido, há um fio condutor não apenas estético que liga a geração de Woolf à de Carroll (sistema e subsistema, então, confluem). Cooper (2006) resume a ideia de simultaneidade para o poeta da seguinte forma:

o valor da obra do escritor é obtido pelo método de comparação e contraste como princípio estético, não simplesmente como uma questão de diferenças históricas ou de época. O conceito crítico literário de “influência” parece fluir de duas maneiras: do passado para o presente e do presente de volta ao passado. Depois de ler a primeira linha de *The Waste Land*, você não pode ler as linhas de abertura do “Prólogo Geral” de Chaucer em *The Canterbury Tales* da mesma maneira. A tradição não é uma cronologia, uma sucessão ou uma série, ela é sempre completa e a nova obra altera, mesmo que em pequenos aspectos, todas as outras obras do conjunto de “monumentos” existentes. Então, o valor da obra encontra-se em sua inclusão no conjunto, ou seja, sua proximidade com todas as outras obras, não por sua distância delas<sup>437</sup> (p. 36).

Ademais, a literatura infantil foi um espaço de experimentação para escritoras como Woolf e Gertrude Stein. A primeira, como já dissemos, escreveu para e co-escreveu com crianças ao mesmo tempo em que escrevia as obras pelas quais hoje é conhecida. Stein, por sua vez, escreveu a história de Rose ao mesmo tempo em que escrevia o romance *Ida* (1941). Assim como *The World is Round*, este é um romance essencialmente sensorial e, sobretudo, aural. Além de tratar de temas similares e também de se construir de maneira parecida. Nesse sentido, pode-se dizer que essas mulheres viram na literatura infantil um espaço de experimentação. Assim, são textos que podem ser vistos essencialmente como radicais.

Julia Mickenberg (2017) nos ensina que a literatura infantil pode ser radical em sua forma e/ou conteúdo, “no nível mais básico, a literatura infantil radical desafia convenções e normas – sobre a sociedade e, muitas vezes, sobre a infância – e inspira mudanças,

---

<sup>437</sup> “The value of the artist’s work is arrived at by the method of compare and contrast as an aesthetic principle, not simply as a matter of historical or period differences. The literary critical concept of “influence,” it seems, flows in two ways, from the past to the present and vice versa, from the present back to the past. Once you have read the first line of *The Waste Land*, you cannot read the opening lines of Chaucer’s “General Prologue” in *The Canterbury Tales* in the same way again. Tradition is not a chronology, a succession or a series, it is always complete and the new work alters, even in small ways, all the other works in the set of existing “monuments.” In this way, the value of any one work is found in the fact of its inclusion in the set, that is, its proximity to all other works, not by its distance from them”.

especialmente movimentos por justiça social e ambiental<sup>438</sup>” (p. 01). O steinês, a língua negativa, está presente não só em *The World is Round* como também nos outros livros de Stein, como *Ida*; o fluxo de consciência está presente no conto “Nurse Lugton’s Curtain” e Woolf subverte gêneros em “The Widow and the Parrot”; o romance de Eleanor Farjeon é um híbrido de diversos gêneros literários, que se movimentam conforme as peças do jogo de intencionalidades, que ela cria em *Martin Pippin in the Apple Orchard*, que se movem. Nos Estados Unidos dos anos 1950, por sua vez, Sylvia Plath reconheceu que a literatura infantil poderia ter um importante papel em sua escrita, como possibilidade de campo de publicação e agregou uma diversidade de temas e estilos que eram comuns ao subsistema e incomuns à sua poética em seus textos para crianças que, portanto, também eram espaços de experimentação literária.

Esta tese trabalhou com alguns pressupostos centrais das discussões a respeito da associação entre o modernismo literário e a literatura infantil anglo-americana: que o subsistema infantil apresentou e representou uma resistência ao modernismo; que a literatura infantil foi um espaço de escape do mundo moderno e um retorno à arcádia idílica; que as obras infantis do período não contemplam camadas de significado além da superfície; que os livros infantis escritos pelos modernistas minimizam suas técnicas experimentais. Nosso primeiro passo envolveu a tese de Dusiemberre mencionada no parágrafo anterior e, por isso, voltamos nossa atenção para escritoras que se destacaram no modernismo anglo-americano, em vez de buscar características modernistas em textos de autores que se destacaram na literatura infantil na primeira metade do século XX, como E. Nesbit e Beatrix Potter. Este é um texto de bases feministas, por isso nosso interesse em reivindicar e recuperar escritoras cujos textos foram negligenciados ou praticamente abandonados pelo cânone (Farjeon) e discutir textos considerados menores ou de menor importância na obra de uma determinada escritora (Woolf, Plath e Stein).

O trabalho nos fez compreender nossos corpora como um espaço de descoberta e experimentação estética para essas mulheres, às vezes caracterizado e moldado a partir de colaborações intergeracionais. Woolf e Stein escrevem para crianças em momento concomitante ao que concebem suas grandes obras; Plath vê na adoção de novos temas e de se escrever literatura uma possibilidade de publicação e alcance no subsistema infantil; a partir do acolhimento de seu texto para adultos pelas crianças, Farjeon descobre seu nicho como escritora. As crianças se mostram mais suscetíveis a essas experimentações estéticas,

---

<sup>438</sup> “At the most basic level, radical children’s literature challenges conventions and norms—about society and, often, about childhood—and it inspires change, especially movements for social and environmental justice”.

vide a recepção de *The World is Round*, que foi bem recebido pelos jovens leitores pelos mesmos motivos que Stein era criticada pelos leitores adultos. Não há espaço para facilitação, seja narrativa, seja de estilo.

A crítica cognitiva nos permitiu ler essas obras a partir do entrelaçamento de mentes, isto é, em termos de crenças, desejos, intenções, emoções e pensamentos não só dos personagens, como também dos narradores, autores implícitos, leitores implícitos, nas diversas situações de comunicação narrativa. A crítica feminista mostrou-se uma importante abordagem no momento de verificação das representações da consciência ficcional na literatura ao possibilitar o desvelamento dos palimpsestos em termos das intencionalidades, que as leituras de pensamento nos permitiram revelar, sejam elas de denúncia (como a mulher escritora se relaciona com a sua própria obra, como em “Nurse Lugton’s Curtain), de opressão (não há como fugir das narrativas mestras do mundo redondo, como em *The World is Round*), entre outros.

Essas intencionalidades possibilitam a ampliação da imaginação narrativa de diferentes leitores, mesmo no texto eufórico de Stein, que permite uma série de brincadeiras sonoras e semânticas. O exercício de atribuição de intencionalidades nesse e nas outras obras permitem um movimento de mão dupla: do texto para a vida e da vida para o texto. Se a Teoria da Mente possibilita que nos coloquemos no lugar do outro, esse lugar, na literatura, nos permite sair de uma situação de conhecimento prévio (eu *sei* que o mundo redondo pode ser opressor) para uma situação de experiência vicária (eu *reconheço* a *sensação* de não pertencimento de Rose, que *sente* que não se encaixa no mundo e *tenho empatia* por ela). A expansão da imaginação narrativa, nesse sentido, engloba os três níveis de ToM: estar ciente dos próprios pensamentos; compreender os sentimentos dos outros; e imaginar como um ser ficcional age diante de uma determinada situação.

Esta tese não é um trabalho que se esgota em si mesmo. Há outras maneiras de se pensar a relação entre modernismo e literatura infantil, considerando: a literatura infantil do período modernista; a influência da arte moderna na literatura para crianças (e/ou a homologia entre poéticas); a criança nos textos modernistas; reações à guerra; contextos pós-coloniais; entre outros. Há também outras maneiras de ler esses textos através da crítica cognitiva: como as emoções são transmitidas através da interação entre palavras e imagens (como pesquisa Maria Nikolajeva); como os livros ilustrados estimulam o desenvolvimento de habilidades cognitivas em situações de leitura conjunta e atenção (como em Kümmerling-Meibauer);

como podem promover o desenvolvimento da leitura literária e de habilidades sociais intersubjetivas (como em María Cecilia Silva-Díaz); entre outros.

Esta tese discutiu as relações entre modernismo literário e literatura infantil tendo como foco textos escritos por mulheres: Eleanor Farjeon, Gertrude Stein e Virginia Woolf, além de Sylvia Plath, de uma geração posterior. Também fez um voo rasante na participação de diversos modernistas - conhecidos por seus textos para adultos - elencando sua participação na literatura infantil, seja ao longo do modernismo, seja na contemporaneidade (sobretudo através de biografias ilustradas e reendereçamentos). Ademais, discutiu questões que envolvem gênero, colaborações intergeracionais e cânone literário. Ao contrário do que a literatura existente sobre o assunto majoritariamente coloca, encontramos obras ricas em experimentação estética e com a presença de palimpsestos cuja interpretação pode ser lida pela crítica cognitiva em níveis de intencionalidade.

Também são várias as ramificações que este trabalho traz: são convidativas discussões acerca do processo de criação entre Virginia Woolf e seus sobrinhos, análises de textos infantis dos surrealistas, a relação entre palavra e imagem na parceria de Gertrude Stein e Francis Rose, as diferentes representações da mente ficcionais nas versões do texto da babá Lugton, entre outras. Além disso, sugere-se a devida exploração do material encontrado a respeito da presença de cada um dos modernistas na literatura infantil, cujas referências são escassas para dizer o mínimo; assim contribuindo, também, cada vez mais, para preencher as lacunas do diálogo científico entre sistema e subsistema literário pertencentes ao *Zeitgeist* modernista.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Daniella; COLLIN, Luci; QUEIROZ, João. **Ao Vires Isto: Gertrude Stein, Tradução e Intermidialidade**. Curitiba: Kotter Editorial; Cotia: Ateliê Editorial, 2018.
- ALFANDARY, Isabelle. Gertrude Stein: o problema com a mimesis. AGUIAR, Daniela; COLLIN, Lucy. QUEIROZ, João. **Ao Vires Isto: Gertrude Stein, Tradução e Intermidialidade**. Curitiba: Kotter Editorial; Cotia: Ateliê Editorial, 2018.
- ALTER, Robert. Introduction. In: KERMODE, Frank. **Pleasure and change: The aesthetics of canon**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2004.
- AMARANTE, Dirce Waltrick do. **As antenas do caracol: ensaios sobre a literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- AMARANTE, Dirce Waltrick do. Gertrude Stein e a Vanguarda para Crianças. AGUIAR, Daniela; COLLIN, Lucy. QUEIROZ, João. **Ao Vires Isto: Gertrude Stein, Tradução e Intermidialidade**. Curitiba: Kotter Editorial; Cotia: Ateliê Editorial, 2018.
- AMARANTE, Dirce Waltrick do. **Pequena biblioteca para crianças: um guia de leitura para pais e professores**. São Paulo: Iluminuras, 2013.
- AMARANTE, Dirce Waltrick do. Prefácio. In: STEIN, Gertrude. **Para fazer um livro de alfabetos e aniversários**. São Paulo: Iluminuras, 2017.
- ANDERSON, Sherwood. Four American Impressions. In: SIMON, Linda (Ed.). **Gertrude Stein Remembered**. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1994.
- ANDERSON, Susan. Time, Subjectivity, and Modernism in E. Nesbit's Children's Fiction. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 32, n. 4, p. 308-322, 2007.
- ANSELLO, Edward F. Age and ageism in children's first literature. **Educational Gerontology: An International Quarterly**, v. 2, n. 3, p. 255-274, 1977.
- ANTOLIN, L. **Virginia Woolf: a escritora de lo invisible**. Il. Antonia Santolaya. Madrid: Hotelpapel Ed., 2008.
- ARDAM, Jacquelyn. "Too Old for Children and Too Young for Grown-ups": Gertrude Stein's To Do: A Book of Alphabets and Birthdays. **Modernism/modernity**, v. 18, n. 3, p. 575-595, 2011.
- ARMSTRONG, Judith. Ghosts as rhetorical devices in children's fiction. **Children's literature in education**, v. 9, n. 2, p. 59-66, 1978.
- ARMYTAGE, Walter HG. The 1870 education act. **British Journal of Educational Studies**, v. 18, n. 2, p. 121-133, 1970.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Unesp, 2011.

ASTINGTON, J. W.; DACK, L. A. Theory of mind. W: Haith MM, Benson JB (red.). **Encyclopedia of infant and childhood development**. 2008.

ATHERTON, James S. Lewis Carroll and Finnegans Wake. **English Studies**, v. 33, n. 1-6, p. 1-15, 1952.

AUERBACH, Erich; SAID, Edward W. **Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature-New and Expanded Edition**. Princeton University Press, 2013.

AUERBACH, Nina; KNOEPFLMACHER, Ulrich Camillus (Ed.). **Forbidden journeys: fairy tales and fantasies by Victorian women writers**. University of Chicago Press, 1993.

EVERY, Gillian. with Angela Bull. **Nineteenth Century Children**, 1965.

AZEVEDO, Adriana Pinto Fernandes. Reconstruções Queers: Por uma utopia do lar. **Pontífica Universidade Católica**. Rio de Janeiro, 2016.

AZEVEDO, Sílvia Régia Martins de. **Memória e identidade como forma de libertação em The handmaid's tale, de Margaret Atwood**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí. Teresina, 2015.

BADIA, Janet. “Dissatisfied, Family-Hating Shrews”: Women Readers and Sylvia Plath's Literary Reception. **Literature Interpretation Theory**, v. 19, n. 2, p. 187-213, 2008.

BALLISTA, S. **Una Stanza Tutta per Me**. Il. Chiara Carrer. Cagli: Settenove, 2017.

BARAI, Aneesh. “ O Loire, what a fine bridge!”: Foreignizing Domestications and Illustrating Bridges in James Joyce's The Cat and the Devil and Its French Translations. **Bookbird: A Journal of International Children's Literature**, v. 56, n. 1, p. 28-35, 2018.

BARAI, Aneesh. New Spaces and New Childhoods: Challenging Assumptions of Normative Childhood in Modernist Children's Literature. In: **Literary Cultures and Twentieth-Century Childhoods**. Palgrave Macmillan, Cham, 2020. p. 93-111.

BARAI, Aneesh. Speaking the Space Between Mother and Child Sylvia Plath, Julia Kristeva, and the Place of Children's Literature. In: CECIRE, Maria Sachiko et al. (Ed.). **Space and Place in Children's Literature, 1789 to the Present**. Surrey: Ashgate Publishing, Ltd., 2015.

BARRY, Peter. **Beginning theory: An introduction to literary and cultural theory**. Manchester: Manchester University Press, 2009.

BARTHES, Roland. The death of the author. **Contributions in Philosophy**, v. 83, p. 3-8, 2001.

BAUMANN, Hans. **Ein Reigen um die Welt: 274 Gedichte aus 75 Sprachen**. Gütersloh: Mohn, 1965.

BAUMANN, Hans. **Ein Reigen um die Welt: 99 Gedichte aus 49 Ländern**. München: Dt. Taschenbuch-Verl., 1983.

BEAUVAIS, Clémentine. **The Mighty Child**: Time and power in children's literature. John Benjamins Publishing Company, 2015.

BEAUVAIS, Clémentine; NIKOLAJEVA, Maria. **Edinburgh Companion to Children's Literature**. s/d: Edinburgh University Press, 2018.

BECKETT, Sandra L. **Crossover fiction: global and historical perspectives**. Routledge, 2010.

BECKETT, Sandra L. **De grands romanciers écrivent pour les enfants**. Ellug, 1997.

BECKETT, Sandra. Crossover. In: NEL, Philip; PAUL, Lissa; CHRISTENSEN, Nina (Ed.). **Keywords for children's literature**. New York and London: New York University Press, 2011.

BENOIT, Colleen S. **A Woman's "Natural" Work: Sewing and Notions of Feminine Labor in Northeast Ohio, 1900-1930**. 2011. Tese de Doutorado. Kent State University.

BLACKFORD, Holly Virginia. Apertures into the House of Fiction: Novel Methods and Child Study, 1870-1910. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 32, n. 4, p. 368-389, 2007.

BOBER, N. **Papa is a poet**: a story about Robert Frost. New York: Henry Holt, 2013

BORGES, Jorge Luis. Curso de literatura inglesa. **Tradução de Eduardo Brandão**, v. 2, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRITES, Andreia. O Crossover como ponte universal: entrevista com Sandra L. Beckett. **Blimunda**, v.38, julho, pp. 67-78. 2015.

BROCKMAN, Bennett A. Robin Hood and the invention of children's literature. **Children's Literature**, v. 10, n. 1, p. 1-17, 1982.

BROWN, JENNIFER STAFFORD. Surrealists in wonderland: Aspects of the appropriation of Lewis Carroll. **Canadian Review of Comparative Literature/Revue Canadienne de Littérature Comparée**, p. 128-143, 2000.

BRYANT, J. **A river of words the story of William Carlos Williams**. II. Melissa Sweet. Grand Rapids, MIch.: Eerdmans Books for Young Readers, 2008.

BURGESS, Anthony. **Literatura inglesa**. Alhambra Universidad, 1983.

BUTLER, F. (org). **Sharing literature with children**: a thematic anthology. Prospect Heights, Illinois: Waveland Press, 1989.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. Brasiliense, 2017.

CALIXTO, Roberta. "As vanguardas europeias do século 20 e as influências da semana de arte moderna na ilustração de livros de literatura infantil brasileiros". São Paulo, Departamento de Artes e Design <http://www.pucrio.org>.

br/pibic/relatorio\_resumo2012/relatorios\_pdf/ctch/ART/DAD-Roberta% 20Calixto. pdf, 2012.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Leya, 2015.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem.** Remate de Males. IEL/Unicamp, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CARPENTER, Humphrey. **Secret gardens: a study of the golden age of children's literature.** Faber & Faber, 2012.

CARROLL, Lewis. **Alice.** São Paulo: 34, 2017.

CARROLL, Lewis. **The annotated Alice: The definitive edition.** WW Norton & Company, 2000.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Estudos de gênero e literatura para crianças e jovens: um diálogo pertinente.** Caxias do Sul: Educs, 2015.

CECCANTINI, João Luis C. T (org.). **Leitura e literatura infanto-juvenil: memórias de Gramado.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

CECCANTINI, João Luís. **Uma estética da formação: vinte anos de Literatura Juvenil Brasileira premiada (1978-1997).** 2000. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Literatura)–Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo, Assis.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e estudos culturais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** Maringá, Eduem, 2009, p. 319-325.

CHANDLER, Katherine R. Thoroughly Post-Victorian, Pre-Modern Beatrix. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 32, n. 4, p. 287-307, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Colab. de André Barault et al., coord. Carlos Sussekind, trad. Vera da Costa e Silva et al. 14.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

CHILDS, Peter; FOWLER, Roger. **The Routledge dictionary of literary terms.** Routledge, 2006.

CHRISTODOULIDES, Nephie. **Out of the Cradle Endlessly Rocking: Motherhood in Sylvia Plath's Work.** Brill Rodopi, 2005.

CIABATTARI, Jane. Dylan Thomas: Roch 'n' Roll Poet. Disponível: <<https://www.bbc.com/culture/article/20141016-dylan-thomas-rock-n-roll-poet>>. Acesso em: 10 jan 2022.

CLARK, Beverly Lyon; HIGONNET, Margaret R. (Ed.). **Girls, boys, books, toys: Gender in children's literature and culture.** Baltimore and London: JHU Press, 2000.

COATS, Karen. The Meaning of Children's Poetry: A Cognitive Approach. **International Research in Children's Literature**, v. 6, n. 2, p. 127-142, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. Editora Atica, 1991.

COHEN, Morton N. **Lewis Carroll: a biography**. Pan Macmillan, 2015.

COHEN, Patricia. Next Big Thing in English: Knowing They Know That You Know. Disponível em: << <https://www.nytimes.com/2010/04/01/books/01lit.html> >>. Acesso em 10 dez 2020.

COLWELL, Eileen H. **Eleanor Farjeon: a Bodley Head Monograph**. London: The Bodley Head, 1961.

CONRAD, JoAnn. Modernity and Modernism in Twentieth-Century American Picturebooks. **International Research in Children's Literature**, v. 12, n. 2, p. 127-153, 2019.

COWEN, Alan S.; KELTNER, Dacher. Self-report captures 27 distinct categories of emotion bridged by continuous gradients. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 114, n. 38, p. E7900-E7909, 2017.

CULLER, Jonathan D. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.

CUMMINGS, E.E. **4 Contos**. São Paulo: Cosac Naify, [2014].

CUMMINGS, E.E. **Der Elefant und der Schmetterling**. Il. Linda Wolfsgruber. Hildesheim: Gerstenberg, 2013.

CUMMINGS, E.E. **Fairy tales**. New York: Harcourt, Brace & World, 1965

CUMMINGS, E.E. **I Carry Your Heart with Me**. Il. Mati Rose McDonough. Petaluma, CA: Cameron & Co., 2014.

CUMMINGS, E.E. **Il vecchietto che diceva "Perché"**. Pordenone: Ed. C'era una Volta, 1989.

CUSIMANO, Corey. **Attributions Of Mental State Control: Causes And Consequences**. Dissertation (Doctor of Philosophy) University of Pennsylvania, 2019.

CZARNECKI, K. "Who is behind the curtain? Virginia Woolf, "Nurse Lugton's Golden Thimble" and the anxiety of Authorship". In: **Contradictory Woolf**. South Carolina: Clemson University Press, 2012.

CZARNECKI, Kristin; ROHMAN, Carrie (Ed.). **Virginia Woolf and the Natural World: Selected Papers from the Twentieth Annual International Conference on Virginia Woolf: Georgetown University, Georgetown, Kentucky, 3-6 June, 2010**. Oxford University Press, 2011.

D'AMICO, Diane. **Christina Rossetti: Faith, Gender and Time**. LSU Press, 1999.

DANOWSKI, Jesica L. The Portrayal of Older Characters in Popular Children's Books: A Content Analysis from 2000 to 2010. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17482798.2011.630741?journalCode=rchm20> >. Acesso em 10 dez. 2021.

DARTON, Frederick Joseph Harvey. **Children's books in England: Five centuries of social life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

DE LIMA, Aldo. Metáfora E Cognição: Resultado De Um Estudo De Caso. **Revista Linguagem em Foco**, v. 3, n. 4, p. 13-22, 2011.

DE OLIVEIRA, Maria Aparecida. Virginia Woolf e o Gótico. *Itinerários*, Araraquara, n. 47, p. 25-38, jul./dez. 2018

DE RIJKE, V. **Art & Soul: Rudolf Steiner: Interdisciplinary Art & Education**. Berlin: Springer, 2019.

DE RIJKE, V; ØSTERMARK-JOHANSEN, L; THOMAS, H. (Orgs.). **NOSE BOOK: Representations of the Nose in Arts and Literature**. London: Middlesex University Press, 2000.

DE RIJKE, Victoria Inez Frederike. A juxtaposition of signifiers: radical collage in children's literature. **Journal of Literary Education**, n. 1, p. 26-38, 2018.

DE RIJKE, Victoria Inez Frederike. A juxtaposition of signifiers: radical collage in children's literature. **Journal of Literary Education**, n. 1, p. 26-38, 2018.

DE RIJKE, Victoria. **The values of savagery: pathologies of child and pet play in avant-garde visual culture**. Disponível em: < <https://eprints.mdx.ac.uk/22847/> >. Acesso em 20 jun. 2020.

DEVOS, Lien. Not all that's modern is post: Shaun Tan's grand narrative. **Bookbird: A Journal of International Children's Literature**, v. 49, n. 4, p. 17-23, 2011.

DIAS, Ana Crélia Penha. As muitas histórias da história da literatura infantil brasileira. In: MORTATTI, M.R.L.; BERTOLETTI, M.E.N.; OLIVEIRA, F.R. **Clássicos Brasileiros sobre Literatura Infantil (1943-1986)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

DINGES, Hayden. Cognitive Criticism. Disponível em: <<<http://pages.vassar.edu/theories-of-the-novel/files/2013/05/cognitivecriticism.docx.pdf>>>. Acesso em 05 dez. 2020.

DOMHOFF, G. William; SCHNEIDER, Adam. Are dreams social simulations? Or are they enactments of conceptions and personal concerns? An empirical and theoretical comparison of two dream theories. **Dreaming**, v. 28, n. 1, p. 1, 2018.

DRUKER, Elina. **Modernismens bilder: den moderna bilderboken i Norden**. Göteborg: Makadam, 2008.

DRUKER, Elina; KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina. Introduction: Children's literature and the avant-garde. In: **Children's Literature and the Avant-Garde**. John Benjamins, 2015. p. 1-16.

DUPEE, F.W. General Introduction. In: STEIN, Gertrude. **Selected Writings of Gertrude Stein**. New York: Vintage Books, 1990.

DUSINBERRE, Juliet. **Alice to the lighthouse: children's books and radical experiments in art**. NY: Springer, 1999.

DYER, Jennifer R.; SHATZ, Marilyn; WELLMAN, Henry M. Young children's storybooks as a source of mental state information. **Cognitive Development**, v. 15, n. 1, p. 17-37, 2000.

DYRUD, Marilyn Ann. Rending the veil: dreams in five novels by Virginia Woolf. Disponível em: << <https://docs.lib.purdue.edu/dissertations/AAI8113672/> >>. Acesso em 04 abril 2020.

ELEANOR FARJEON. In: COMMIRE, Anne (general editor). **Something About the Author: Facts and Pictures about Contemporary Authors and Illustrators of Books for Young People**. Vol 2. Detroit: Gale Research Book Tower, 1971.

ELEANOR FARJEON. In: SENICK, Gerard J. (general editor). **Children's Literature Review: Excerpts from Reviews, Criticism, and Commentary on Books for Children and Young People**. Vol. 34. Detroit: Gale Research Inc., 1995.

ELICK, Catherine L. Anxieties of an Animal Rights Activist: The Pressures of Modernity in Hugh Lofting's Doctor Dolittle Series. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 32, n. 4, p. 323-339, 2007.

ELIOT, T.S. **Growltiger's last stand and other poems**. Il. Errol Le Cain. London: Faber and Faber, 1986

ELIOT, T.S. **Macavity**. Il. Arthur Robins. London: Faber & Faber, 2014.

ELIOT, T.S. **Old Possum's book of practical cats**. Boston: Harcourt Children's Books, 2009

ELIOT, T.S. **Skimblehanks**. Il. Arthur Robins. London: Faber & Faber, 2015.

ELIOT, Thomas Stearns. Tradition and the individual talent. **Perspecta**, v. 19, p. 36-42, 1982.

EMMOTT; Catharine; ALEXANDER, Marc. Schemata. Disponível em: <lh.n.sub.uni-hamburg.de/index.php/Schemata.html>. Acesso em 20 jun 2021.

FALCONER, Rachel. Children's literature: Part II. Forms and genres. 43. Crossover literature. Disponível em: <<http://schoolbag.info/literature/children/140.html>>. Acesso em 13 maio 2020.

FALCONER, Rachel. Crossover literature. In: **International companion encyclopedia of children's literature**. Routledge, 2018. p. 556-575.

FALCONER, Rachel. **The crossover novel: contemporary children's fiction and its adult readership**. Routledge, 2008.

FALKENBACH, Maria F. **Dramaturgia do corpo e reinvenção de linguagem**: transcrição de retratos literários de Gertrude Stein na composição do corpo cênico. Florianópolis, 2005,

139 p. 2005. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Teatro). Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

FARGNOLI, A. Nicholas; GILLESPIE, Michael Patrick. **James Joyce: A Literary Reference to His Life and Work.** Facts on File, 2006.

FARIA, Carla Lento. Entre fantasmas e mundos imaginários: o fantástico em Virginia Woolf. Dissertação (Mestrado em Letras) – Unifesp, São Paulo, 2016.

FARJEON, Annabel. **Morning Has Broken: A Biography of Eleanor Farjeon.** s/c: J. MacRae, 1986.

FARJEON, Eleanor. **A Nursery in the Nineties.** London: Faber and Faber, 2013.

FARJEON, Eleanor. **Martin Pippin in the Apple Orchard.** Philadelphia, New York: 1949.

FARJEON, Eleanor. **Martin Pippin in the Daisy Field.** London, Cumberlege: Oxford Univ. Press, 1954.

FARJEON, Eleanor. **The little bookroom:** Eleanor Farjeon's short stories for children chosen by herself. Oxford [u.a.]: Oxford Univ. Press, 1979.

FAULKNER, W. **A Árvore dos Desejos.** Il. Guazzelli. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

FAULKNER, W. **The Wishing Tree.** Il Don Bolognese. New York: Random House, 1964.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa:** Mulheres, corpos e acumulação primitiva. Editora Elefante, 2019.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **Construindo histórias de leitura:** a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. Assis, 2008. 300p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; DA ROCHA, Guilherme Magri. No Caminho dos Desejos. **Leitura EM Revista**, n. 13, p. 41-41, 2018.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; NAVAS, Diana; SILVA, Maurício. **Produção literária juvenil e infantil contemporânea de autoria feminina.** São Paulo: BT Acadêmica, 2019.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; ROCHA, Guilherme Magri da. Modernist Avant-Garde Children's Books: an interview with Victoria de Rijke. **Revista Norte@mentos**, Sinop, v. 13, n. 34, p. 197-217, dez. 2020.

FIJALKOWSKI, Krzysztof; RICHARDSON, Michael (Ed.). **Surrealism: Key Concepts.** Routledge, 2016.

FISHMAN, Solomon. Virginia Woolf on the Novel. **The Sewanee Review**, v. 51, n. 2, p. 321-340, 1943.

FITCH, Noel Riley. *The First Ulysses. James Joyce: The Augmented Ninth*. Syracuse University Press, 1988.

FOSTER, Jonathan K. *Memory: A very short introduction*. Oxford: OUP, 2009.

FOSTER, Shirley; SIMONS, Judy. *What Katy Read: Feminist Re-Readings of "Classic" Stories for Girls*. Iowa: University of Iowa Press, 1995.

FRIEDAN, Betty. *A Mística Feminina*. Rio de Janeiro: Rosa dos Campos, 2020.

FROST, R. *A Swing for Birches*. Owing Mills, Md.: Stemmer House, 1982

FROST, R. *Birches*. New York: Holt, 1988

FROST, R. *Poetry for young people - Robert Frost* New York: Scholastic, 2000

FROST, R. *Stopping by Woods on a Snowy Evening*. New York: Dutton, 1978.

FROST, R. *The Cow in Apple Time*. Amherst, Mass.: Beekman & Hathaway, 2005

FROST, R. *The Pocket Book of Robert Frost's Poems*. New York: Pocket Books, 1946.

FROST, R. *The Road not Taken*. New York: Holt, 1951.

GALE, Cengage Learning. *A Study Guide for Virginia Woolf's "The Widow and the Parrot"*. Gale: Cengage Learning, 2016.

GANDER, Catherine: American 'Wild Zones': Space, Experience, Consciousness. Disponível em: << <https://iaas.ie/cfps/call-papers-american-wild-zones-space-experience-consciousness/> >>. Acesso em 21 fev 2019.

GANNON, Susan R. One More Time: Approaches to Repetition in Children's Literature. *Children's Literature Association Quarterly*, v. 12, n. 1, p. 2-5, 1987.

GARLAND, Carina. Curious Appetites: Food, Desire, Gender and Subjectivity in Lewis Carroll's Alice Texts. *The Lion and the Unicorn*, v. 32, n. 1, p. 22-39, 2008.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic: The woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. Yale: Yale University Press, 2020.

GILL, Jo (Ed.). *The Cambridge Companion to Sylvia Plath*. Cambridge University Press, 2006.

GILL, Jo. *The Cambridge Introduction to Sylvia Plath*. Cambridge University Press, 2008.

GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life: Selections*. s/d, 1959.

GOGA, Nina; KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina (Ed.). *Maps and Mapping in Children's Literature: Landscapes, seascapes and cityscapes*. John Benjamins Publishing Company, 2017.

GOLDMAN, Jane. From Mrs. Dalloway to The Waves: New Elegy and Lyric Experimentalism. In: SUSAN, Sellers et al. (Ed.). **The Cambridge Companion to Virginia Woolf**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

GOOBT, John. Dylan Thomas. Disponível em: <<https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199846719/obo-9780199846719-0057.xml>>. Acesso em 10 jan 22.

GOODENOUGH, Elizabeth N. 'Demons of Wickedness, Angels of Delight': Hawthorne, Woolf, and the Child. **Hawthorne and Women: Engendering and Expanding the Hawthorne Tradition**, p. 226-36, 1999.

GOPNIK, Adam. Understanding Steinese. **New Yorker**, 2013. Disponível em: <<<https://www.newyorker.com/books/page-turner/understanding-steinese>>>. Acesso em 13 dez 2021.

GREBY, Matthew Orville. The Origins of Children's Literature. In: GRENBY, Matthew Orville; IMMEL, Andrea (Ed.). **The Cambridge companion to children's literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

GREENBLATT, Stephen (Ed.). **The Norton Anthology of English Literature**. WW Norton & Company, 2012.

GREENE, Ellin Peterson. Eleanor Farjeon: The Shaping of a Literary Imagination. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 1982, n. 1, p. 61-70, 1982.

GREENE, Ellin. Eleanor Farjeon. In.: BINGHAM, Jane M. (editor). **Writers for Children: Critical Studies of Major Authors Since the Seventeenth Century**. New York: Charles Scribner's Sons, 1988.

GREENWAY, Betty (Ed.). **Twice-told Children's Tales: The Influence of Childhood Reading on Writers for Adults**. Abingdon: Routledge, 2005.

GRENBY, Matthew Orville. **Children's literature**. Edinburgh University Press, 2014.

GUBAR, Marah. **Artful dodgers: reconceiving the golden age of children's literature**. Oxford University Press, 2010.

GUILLORY, John. **Cultural capital**. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

HAASE, Donald (Ed.). **The Greenwood Encyclopedia of Folktales and Fairy Tales [3 Volumes]**. s/c: Greenwood Publishing Group, 2007.

HAHN, Daniel. **The Oxford companion to children's literature**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

HATELEY, Erica. Gender. In: NEL, Philip; PAUL, Lissa; CHRISTENSEN, Nina (Ed.). **Keywords for children's literature**. New York and London: New York University Press, 2011.

HAZARD, Paul. **Les livres, les enfants et les hommes**. s/d: Hatier, 1967.

HEMINGWAY, E. **The Faithful Bull**. Il. Michael Foreman. London: Hamish Hamilton, 1980.

HERMAN, David. Cognitive Narratology (revised version; uploaded 22 September 2013). Disponível em: << <http://www.lhn.uni-hamburg.de/node/38.html> >>. Acesso em 05 jan. 2021.

HINTZ, Carrie. **Children's Literature**. Oxon, New York: Routledge, 2020.

HOBSON, J. Allan. Sleep is of the brain, by the brain and for the brain. **Nature**, v. 437, n. 7063, p. 1254-1256, 2005.

HODGKINS, Hope Howell. High Modernism for the Lowest: Children's Books by Woolf, Joyce, and Greene. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 32, n. 4, p. 354-367, 2007.

HOGAN, Patrick Colm. **What literature teaches us about emotion**. New York: Cambridge University Press, 2011.

HOUEN, Alex (Ed.). **Affect and Literature**. Cambridge University Press, 2020.

HUBERT, Renée Riese; HUBERT, Judd David. Reading Gertrude Stein in the light of the book artists. **Modernism/modernity**, v. 10, n. 4, p. 677-704, 2003.

HUNT, Peter. Canon constitution and canon change in children's literature. In: KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MULLER, Anja (Ed.). **Canon Constitution and Canon Change in Children's Literature**. New York: Taylor & Francis, 2016.

HUNT, Peter. Children's Literature. In: NEL, Philip; PAUL, Lissa; CHRISTENSEN, Nina (Ed.). **Keywords for children's literature**. New York and London: New York University Press, 2011.

HUNT, Peter. Confronting the Snark: The non-theory of children's poetry. In: **Poetry and childhood**. Institute of Education Press, 2010. p. 17-23.

HUNT, Peter. **An introduction to children's literature**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

HUNT, Peter. **International companion encyclopedia of children's literature**. London and New York: Routledge, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Historiographic Metafiction Parody and the Intertextuality of History**. Baltimore: John Hopkins, 1989.

HUXLEY, Aldous. **Os Corvos de Pearblossom**. Rio de Janeiro: Galerinha, 2006

HUXLEY, Aldous. **The Crows of Pearblossom** with illustrations by Hans Shabracq. London: Chatto & Windus, 1976.

ISER, Wolfgang. **The Reading Process: A Phenomenological Approach**. RICHTER, David H. **The Critical Tradition: Classic Texts and Contemporary Trends**. Boston, New York: Bedford/St. Martin's, 2006.

JACOBS, J. **The Pied Piper and Other Fairy-Tales**. New York: Macmillan, 1963.

JANNIDIS, Fotis. Character. Disponível em: <<http://lhn.sub.uni-hamburg.de/index.php/Character.html>>. Acesso em 20 jun 2020.

JEAN-JACQUES, Lecerclé. **Philosophy of Nonsense**. The intuitions of Victorian *nonsense* literature. 1994.

JOOSEN, Vanessa (Ed.). **Connecting childhood and old age in popular media**. s/c: Univ. Press of Mississippi, 2018.

JOOSEN, Vanessa. Constructing Age for Young Readers. **International Research in Children's Literature**, v. 14, n. 3, p. 252-268, 2021.

JOOSEN, Vanessa. Second Childhoods and Intergenerational Dialogues: How Children's Literature Studies and Age Studies Can Supplement Each Other. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 40, n. 2, p. 126-140, 2015.

JOYCE, J. **O Gato e o Diabo**. Il. Lelis. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

JOYCE, J. **Os Gatos de Copenhagen**. Il. Michaela Pivetti. São Paulo: Iluminuras, 2013.

JOYCE, J. **The Cat and the Devil**. Il. Blachon. St. John's, Newfoundland: Breakwater Books, 1990.

JOYCE, J. **The Cats of Copenhagen**. Il. Casey Sorrow. New York: Scribner, 2012.

KAHN, David. Reactions to Dream Content: Continuity and Non-continuity. **Frontiers in Psychology**, p. 2676, 2019.

KAHN, David; HOBSON, Allan. Theory of Mind in Dreaming: Awareness of Feelings and Thoughts of Others in Dreams. **Dreaming**, v. 15, n. 1, p. 48, 2005.

KAVALOSKI, Joshua. **High Modernism: Aestheticism and performativity in literature of the 1920s**. Boydell & Brewer, 2014.

KEEN, Suzanne et al. **Empathy and the Novel**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2007.

KERMODE, Frank. **Pleasure and change: The aesthetics of canon**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato. Froebel: uma pedagogia do brincar para a infância. **Pedagogia (s) da Infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. FORMOSINHO, O. Júlia, p. 37-60, 2007.

KNOWLTON, Eloise. **Joyce, Joyceans, and the rhetoric of citation**. University Press of Florida, 1998.

KROMHOUT, R. **April is de Wreedste Maand**. Amsterdam: Leopold, 2013.

KROMHOUT, R. **Soldaten huilen niet**. Amsterdam: Leopold, 2010.

KÜMMERLING-MEIBAUER (ed.) **Picture-books: Representation and Narration**, New York: Routledge, 2014.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina, and MEIBAUER, Jörg. Beware of the Fox! Emotion and Deception in Fox by Margaret Wild and Ron Brooks. In: EVANS, Janet (ed.). **Challenging and Controversial Picturebooks: Creative and Critical Responses to Visual Texts**. London: Routledge, 2015b.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MEIBAUER, Jörg. Picturebooks and Early Literacy. How Do Picturebooks Support Early Conceptual and Narrative Development?. In: KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; et al. (eds.). **Learning from Picturebooks: Perspectives from Child Development and Literacy Studies**, New York: Routledge, 2015c.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; Meibauer, Jörg. Early-Concept Books: Acquiring Nominal and Verbal Concepts. In: KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina (ed.). **Emergent Literacy: Children's Books from 0 to 3**. Amsterdam: John Benjamins, 2011.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MEIBAUER, Jörg. First Pictures, Early Concepts: Early Concept Books. **The Lion and the Unicorn**, vol. 29, n° 3, p. 324–347, 2005.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MEIBAUER, Jörg. Maps in picturebooks: cognitive status and narrative functions. **Barnelitterært Forskningstidsskrift**, vol. 6, n° 1, p. 26970, jan. 2015a.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MEIBAUER, Jörg. Metaphorical maps in picturebooks. In: GOGA, Nina; KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina. **Maps and Mapping in Children's Literature: Landscapes, Seascapes, and Cityscapes**. Amsterdam: John Benjamins, 2017.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MEIBAUER, Jörg. Towards a cognitive theory of picturebooks. **International Research in Children's Literature**, v. 6, n. 2, p. 143-160, 2013.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MEIBAUER, Jörg. Towards a Cognitive Theory of Picturebooks. **International Research in Children's Literature**, vol. 6, n° 2, p. 143–160, dez. 2013.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MEIBAUER, Jörg. Understanding the Matchstick Man: Aesthetic and Narrative Properties of a Hybrid Picturebook Character. In: KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MULLER, Anja (Ed.). **Canon Constitution and Canon Change in Children's Literature**. New York, Taylor & Francis, 2016.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. Editora Atica, 1985.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: A field guide to poetic metaphor**. Chicago: University of Chicago press, 2009.

LAVALLE, Luci Maria Collin. **A composição em movimento: as dinâmicas temporal e espacial nos retratos literários de Gertrude Stein**. 2003. Tese de Doutorado.

LAWRENCE, D.H. **Poems Selected for Young People by William Cole**. Dr. by Ellen Raskin. New York: The Viking Press, 1967.

LEAR, Edward. **The complete nonsense of Edward Lear**. New York: Courier Corporation, 1951.

LEITCH, Vincent B. et al. (Ed.). **The Norton anthology of theory and criticism**. WW Norton & Company, 2018.

LESNIK-OBERSTEIN, Karín (Ed.). **Children's literature: New approaches**. Springer, 2004.

LEVERAGE, Paula; MANCING, Howard; SCHWEICKERT, Richard (Ed.). **Theory of mind and literature**. Purdue University Press, 2010.

LEVINE, Robert S. et al. (Ed.). **The Norton Anthology of American Literature: Volume A and B**. WW Norton & Company, 2016.

LEVY, Heather. **The Servants of Desire in Virginia Woolf's Shorter Fiction**. Peter Lang, 2010.

LEWIS, Clive Staples **On Stories and Other Essays in Literature**. s/d: HarperOne, 2009.

LEWIS, Clive Staples. **As crônicas de Nárnia**. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2015.

LEWIS, Naomi et al. **A Book for Eleanor Farjeon: with an introduction by Naomi Lewis and illustrated by Edward Ardizzone**. Great Britain: Hamish Hamilton Ltd., 1966.

LODGE, David et al. The Language of Modernist Fiction: Metaphor and Metonymy. In: BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James. **Modernism**. Penguin Books, 1978.

LOEFFELHOLZ, Mary. American Literature 1914–1945. In: GOTTESMAN, Ronald et al. *The Norton anthology of American literature*. New York: WW Norton & Company, Inc., 1980.

LOFTUS, Elizabeth F. Creating false memories. **Scientific American**, v. 277, n. 3, p. 70-75, 1997.

LONDON, Jack. **O Lobo do Mar**: edição comentada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

LUNDIN, Anne. **Constructing the canon of children's literature: beyond library walls and ivory towers**. Abingdon: Routledge, 2004.

Lynne Vallone. **Disciplines of Virtue: Girls' Culture in the Eighteenth and Nineteenth Centuries**. New Haven, Conn.: Yale University Press. 1995.

MACDONALD, G. **The Golden Key**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1968.

MACLEAR, K. **Virginia Wolf**. Il. Isabelle Arsenault. Toronto: Kids Can Press, 2012.

MACLEOD, Anne S.; **Children's Literature and American Culture, 1820-1860** Hampden, CT: 1975.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. ENTRE A LITERATURA E O ENSINO. **Miscelânea**: Revista de Literatura e Vida Social, v. 3, p. 247-257, 1998.

MAO, Weiqiang. Give the Screw Another Turn—A Cultural Re-Reading of the Turn of the Screw. **Journal of Language Teaching and Research**, v. 1, n. 1, p. 44-49, 2010.

MARCUS, Laura. Woolf's feminism and feminism's Woolf. In.: SELLERS, Susan. **The Cambridge Companion to Virginia Woolf**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MARCUS, Leonard S. **Margaret Wise Brown: Awakened by the Moon**. Boston: Beacon Press, 1992.

MARKENDORF, Marcio. A invenção da fama em Sylvia Plath. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, 2009.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. **Conto e Reconto**: das fontes à invenção. São Paulo: cultura acadêmica, 2012.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó; VALENTE, Thiago Alves. (Orgs.) **Produção cultural paranaense para crianças e jovens**. Assis: Cultura Acadêmica, 2016.

MARTIN, Ann. Modernist Transformations: Virginia Woolf, Cinderella, and the Legacy of Lady Ritchie. **Woolf Studies Annual**, v. 11, p. 33-52, 2005.

MCCALLUM, Robyn. Metafiction and experimental work. Peter Hunt (toim.). **International Companion Encyclopedia of Children's Literature**, v. 1, p. 587-598, 2004.

MCLEMMÉ, Scott. Making the Cut. Disponível em: <<https://www.chronicle.com/article/making-the-cut/>>. Acesso em 13 fev 2018.

MEEK, Margaret. Introduction: definitions, themes, changes, attitudes. In: **International Companion Encyclopedia of Children's Literature**. Routledge, 2004. p. 25-36.

MERRIMAN, Ben. Rewriting the Rules of Art: Pierre Bourdieu's "Manet: A Symbolic Revolution". Disponível em: <[lareviewofbooks.org/article/rewriting-the-rules-of-art-pierre-bourdieu-s-manet-a-symbolic-revolution/](http://lareviewofbooks.org/article/rewriting-the-rules-of-art-pierre-bourdieu-s-manet-a-symbolic-revolution/)>. Acesso em 04 jan 2022.

MICKENBERG, Julia A. **Tales for little rebels: A collection of radical children's literature**. NYU Press, 2008.

MICKENBERG, Julia L. **Learning from the left: Children's literature, the Cold War, and radical politics in the United States**. Oxford University Press, 2005.

MICKENBERG, Julia L. Radical Children's Literature. In: **Oxford Research Encyclopedia of Literature**. Disponível em <<https://oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780190201098.001.0001/acrefore-9780190201098-e-89>>. Acesso em 13 dez 2020.

MICKENBERG, Julia L.; NEL, Philip. Radical Children's Literature Now!. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 36, n. 4, p. 445-473, 2011.

MICKENBERG, Julia; VALLONE, Lynne (Ed.). **The Oxford handbook of children's literature**. Oxford University Press, 2011.

MIDDLEBROOK, Diane. **Her Husband: Ted Hughes and Sylvia Plath--A Marriage**. New York: Penguin, 2004.

MILLER, Nancy K. Changing the subject: authorship, writing, and the reader. In: **Feminist studies/critical studies**. Palgrave Macmillan, London, 1986. p. 102-120.

MØNSTER, Louise. Dream Poems. The Surreal Conditions of Modernism. **Humanities**, v. 7, n. 4, p. 112, 2018.

MOODY, Alys. Indifferent and Detached: Modernism and the Aesthetic Affect. **Modernism/Modernity Print Plus**, vol. 3, nº 4, 11 dez. 2018.

MORRIS, J. (Org.). **The Barefoot book of classic poems**. Oxford: Barefoot Books, 2006.

MORRISON, L. (Org.). **More spice than sugar - poems about feisty females**. Il. Ann Boyajian. Boston: Houghton Mifflin, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. **Itinerários**, Araraquara, 17: 179-187, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo; DE OLIVEIRA, Fernando Rodrigues. Quatro décadas de produção acadêmica brasileira sobre literatura infantil: avanços, contradições e desafios. **Revista Teias**, v. 16, n. 41, p. 10-32, 2015.

NAREMORE, James. **The World Without a Self: Virginia Woolf and the Novel**. Yale University Press, 1973.

NEVES, Dulce Amélia. Ciência da informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação. **Ciência da informação**, v. 35, p. 39-44, 2006.

NEL, Philip. Is there a text in this advertising campaign?: Literature, marketing, and Harry Potter. **The Lion and the Unicorn**, v. 29, n. 2, p. 236-267, 2005.

NEL, Philip; PAUL, Lissa; CHRISTENSEN, Nina (Ed.). **Keywords for children's literature**. New York and London: New York University Press, 2011.

NELSON, Claudia. Boys Will Be Girls The Feminine Ethic and British Children's Fiction, 1857-1917. 1991.

NICHOLLS, Peter. **Modernisms: a literary guide**. Macmillan International Higher Education, 2008.

NIKOLAJEVA, Maria (Ed.). **Aspects and Issues in the History of Children's Literature**. Greenwood Publishing Group, 1995.

NIKOLAJEVA, Maria. Emotion Ekphrasis: Representation of Emotions in Children's Picturebooks. In: MACHIN, David (ed.). **Visual Communication**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2014b.

NIKOLAJEVA, Maria. Picturebooks and Emotional Literacy. **The Reading Teacher**, vol. 67, n° 4, p. 249–254, dez. 2013

NIKOLAJEVA, Maria. **Reading for Learning: Cognitive Approaches to Children's Literature**. Amsterdam: John Benjamins, 2014c.

NIKOLAJEVA, Maria. Reading Other People's Minds Through Word and Image. **Children's Literature in Education**, vol. 43, n° 3, p. 273–291, 1 mar. 2012.

NIKOLAJEVA, Maria. Recent trends in children's literature research: Return to the body. **International Research in Children's Literature**, v. 9, n. 2, p. 132-145, 2016.

NIKOLAJEVA, Maria. Tamed Imagination: A re-reading of Heidi. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 25, n. 2, p. 68-75, 2000.

NIKOLAJEVA, Maria. 'The Penguin Looked Sad'. Picturebooks, Empathy and Theory of Mind". In: KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina (ed.). **Picturebooks: Representation and Narration**. New York: Routledge, 2014a.

NIKOLAJEVA, Maria. **The rhetoric of character in children's literature**. Scarecrow Press, 2002.

NOAKES, Vivien. Edward Lear: **The Life of a Wanderer**. Houghton Mifflin, 1968.

NODELMAN, Perry. The case of children's fiction: Or the impossibility of Jacqueline Rose. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 10, n. 3, p. 98-100, 1985.

NODELMAN, Perry. **The hidden adult: Defining children's literature**. Baltimore: JHU Press, 2008.

NUSSBAUM, Martha C. **Cultivating humanity**. Harvard University Press, 1997.

NUSSBAUM, Martha C. The literary imagination in public life. **New Literary History**, v. 22, n. 4, p. 877-910, 1991.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins** lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2017.

O' HARA, J.D. The World is Round. In: BUTLER, Francelia , **Sharing Literature with Children**. New York: David McKay Company, Inc., 1977.

O'CONNELL, Sanjida. **Mindreading: An Investigation into how we learn to love and lie**. New York: Doubleday, 1997.

O'SULLIVAN, Emer. Internationalism, the universal child and the world of children's literature. In: HUNT, P. **International companion encyclopedia of children's literature**, v. 1, p. 13-25, 2004.

OKUMURA, Sayaka. **The poetics of Virginia Woolf's fiction: time, space and the material world**. 2007. Tese de Doutorado. University of York.

OLIVA, Juliana. Identidade e reciprocidade em O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir. Dissertação (Mestrado em Letras) – Univ. São Judas Tadeu. São Paulo, 2013.

OMMUNDSEN, Åse Marie; HAALAND, Gunnar; KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina (Ed.). **Exploring Challenging Picturebooks in Education: International Perspectives on Language and Literature Learning**. Routledge, 2021.

PAGE, D. **Marianne Moore**. Mankato, Minn: Creative Education, 1994

PANIQUE, D. **Les classiques de Patrique chroniques décalées des chefs-d'oeuvre de la littérature**. Paris: Gallimard, 2019.

PARSONS, Elizabeth. Ideology. In: NEL, Philip; PAUL, Lissa; CHRISTENSEN, Nina (Ed.). **Keywords for children's literature**. New York and London: New York University Press, 2011.

PAUL, Lissa, “*Writing Poetry for Children is a Curious Occupation*”: *Ted Hughes and Sylvia Plath*’, **The Horn Book Magazine**, 81:3 (May/June 2005), pp. 257–267.

PAUL, Lissa. Feminist criticism: From sex-role stereotyping to subjectivity. In: HUNT, Peter. **International companion encyclopedia of children’s literature**, 2004.

PAUL, Lissa. **Reading Otherways**. Stroud, Glos.: Thimble Press, 1998.

PEDROSA, Danielli de Cássia Morelli. A viúva e o papagaio-uma história verídica: Virgínia Woolf e um conto do realismo maravilhoso. **Cadernos De Pós-Graduação Em Letras**, v. 18, n. 3, 2018.

PELIANO, Adriana Medeiros. **Através do surrealismo e o que Alice encontrou lá**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

PERLOFF, Marjorie. Um cessar de semelhanças: Stein/Picasso/DuchamptAGUIAR, Daniela; COLLIN, Lucy. QUEIROZ, João. **Ao Vires Isto**: Gertrude Stein, Tradução e Intermidialidade. Curitiba: Kotter Editorial; Cotia: Ateliê Editorial, 2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PESKIN, Joan; ASTINGTON, Janet Wilde. The effects of adding metacognitive language to story texts. **Cognitive development**, v. 19, n. 2, p. 253-273, 2004.

PESSOA, Luiz. On the relationship between emotion and cognition. **Nature reviews neuroscience**, v. 9, n. 2, p. 148-158, 2008.

PESSOA, Luiz. On the relationship between emotion and cognition. **Nature reviews neuroscience**, v. 9, n. 2, p. 148-158, 2008.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou Como Resistir à Adversidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

PICKERING, Samuel F. John Locke and children’s books in eighteenth-century England. Tennessee: Univ of Tennessee Pr., 1981.

PIXIE. In: **Encyclopaedia Britannica**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/pixie>> . Acesso em 04 out 2021.

PLATH, Sylvia. **Colected Stories** (Children's Classics). London: Faber & Faber, 2001.

PLATH, Sylvia. **The Collected Poems**. New York: Harper Collins, 2016.

PLATH, Sylvia. **Johnny Panic and the bible of dreams: and other prose writings**. London: Faber & Faber, 2013.

PLATH, Sylvia. **O Livro das Camas e outras Histórias para Crianças**. São Paulo: Globinho, 2016.

PLATH, Sylvia. **Os Diários de Sylvia Plath**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

POLITIS, Dimitrios. Between Modernism and Postmodernism: Greek Literature for Children and Youth in the Last Decades of the Twentieth Century. **Bookbird: A Journal of International Children's Literature**, v. 56, n. 2, p. 52-56, 2018.

POPOVA, Maria. To Do: Gertrude Stein's Posthumous Alphabet Book. Disponível em: <<<https://www.themarginalian.org/2012/05/21/gertrude-stein-to-do-a-book-of-alphabets-and-birthdays/>>>. Acesso em 15 nov 2021.

POUND, Ezra; DE CAMPOS, Augusto; PAES, José Paulo. **ABC da literatura**. Editôra Cultrix, 2001.

RAMOS, Ana Margarida. Cruzamentos entre a literatura canônica e a literatura infantil: tendências contemporâneas. **Malasartes**, s/c, v.21-22 40, n. 1, p. 31-37, 2011.

RAMOS, Ana Margarida. Fernando Pessoa E A Literatura Para A Infância: Encontros E Desencontros. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, v. 19, n. 1, 2015.

RASCHKA, C.; CUMMINGS, E.E. *Little Tree*. New York, NY: Hyperion Books For Children, c. 2001.

REDCAY, ANNA. Theorists: Jacqueline Rose. Disponível em: <<<https://www.representingchildhood.pitt.edu/rose.html>>>. Acesso em 20 fev 2020.

REEF, C. E.E. *Cummings*. New York: Clarion Books, c2006.

REYNIER, Christine. **Virginia Woolf's Ethics of the Short Story**. Springer, 2009.

REYNOLDS, Kimberley. **Girls only?: gender and popular children's fiction in Britain, 1880-1910**. Harvester/Wheatsheaf, 1990.

REYNOLDS, Kimberley. **Radical children's literature: Future Visions and Aesthetic Transformations in Juvenile Fiction**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

REYNOLDS, Kimberley. **Children's literature: A very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2011.

RICHARDSON, Alan. *Studies in Literature and Cognition: A Field Map*. In: RICHARDSON, Allan; SPOLSKY, Ellen. **The Work of Fiction: Cognition, Culture, and Complexity**. New York: Routledge, 2004.

RICHTER, David H. **The Critical Tradition: Classic Texts and Contemporary Trends**. s/d: Bedford Books, 2006.

RIJKE, Victoria de; SINKER, Rebecca. Dare to Dada: an argument for visual and verbal avant-garde poetry in the nursery. **International journal of education through art**, v. 2, n. 3, p. 211-222, 2006.

ROCHA, Guilherme Magri da. **As Alices Alternativas de Christina Rossetti, Jean Ingelow e Juliana Horatia Ewing**. 2017. 271 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

RODRIGUES, Marisa Cosenza et al. Literatura infantil, teoria da mente e processamento de informação social. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, p. 77-88, 2007.

RODRIGUES, Marisa Cosenza; SILVEIRA, Flávia Fraga; PELISSON, Maíze Carla Costa. Teoria da mente e leitura: estudo qualitativo na educação infantil. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, p. 195-204, 2017.

ROGERS, L. **16 Words**. Il Chuck Groenink. New York: Schwartz & Wade Books, [2019].

ROHMAN, Carrie. A Hoard of Floating Monkeys: Creativity and Inhuman Becomings in Woolf's Nurse Lugton Story. **Deleuze Studies**, v. 7, n. 4, p. 515-536, 2013.

ROSE, Jacqueline. **The case of Peter Pan, or the impossibility of children's fiction**. University of Pennsylvania Press, [1984] 1992.

ROSENBLATT, Louise M. **The reader, the text, the poem: The transactional theory of the literary work**. SIU Press, 1994.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno, In: **Texto/Contexto**. Ensaios. SP: Perspectiva, 1969, p. 75-97.

ROSENFELD, Anatol. **Texto e contexto I**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ROVAN, Marcie Panutsos. **Happily ever after?: Ambiguous closure in modernist children's literature**. 2016. Tese de Doutorado. Duquesne University, 2016.

RUDD, David (Ed.). **The Routledge companion to children's literature**. New York: Routledge, 2010.

RUDD, David. Children's Literature and the Return to Rose. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 35, n. 3, p. 290-310, 2010.

RUDD, David. Theorising and theories: how does children's literature exist?. In: **Understanding children's literature**. Routledge, 2006. p. 25-39.

RUDD, David; PAVLIK, Anthony. The (Im) Possibility of Children's Fiction: Rose Twenty-Five Years On. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 35, n. 3, p. 223-229, 2010.

RUSSELL, David L.; ANDERSON, Nancy A. **Literature for children**. Longmans Publishing Group, 2015.

RUSSELL, David. **Literature for Children**. s/d: Pearson, 2015.

RUSSUM, Jennifer Ann. **From Sewing Circles to Linky Parties: Women's Sewing Practices in the Digital Age**. Arizona State University, 2016.

RUST, Martha Dana. Stop the World, I Want to Get Off! Identity and Circularity in Gertrude Stein's "The World is Round". **Style**, p. 130-142, 1996.

RYAN, Derek; BOLAKI, Stella (Ed.). **Contradictory Woolf: Selected Papers from the Twenty-first Annual International Conference on Virginia Woolf: University of Glasgow, Glasgow, Scotland, 9-12 June, 2011**. Oxford University Press, 2012.

s/d. *E.E. Cummings*. Mankato, Minn.: Creative Education, 1994.

SCARRY, Elaine. On Vivacity: the Difference Between Daydreaming and Imagining-Under-Authorial- Instruction. RICHTER, David H. **The Critical Tradition: Classic Texts and Contemporary Trends**. Boston, New York: Bedford/St. Martin's, 2006.

SCHMID, Wolf. Implied Author. Disponível em: <lh.n.sub.uni-hamburg.de/index.php/Implied\_Author.html>. Acesso em 20 jun 2021.

SCHMID, Wolf. Implied Reader. Disponível em: <lh.n.sub.uni-hamburg.de/index.php/Implied\_Reader.html>. Acesso em 20 jun 2021.

SCHÜLER, D. *Finnício Riovém*. Il Cristiane Löff. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

SCHÜLER, Donaldo. **Finnício Riovém**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

SELDEN, Raman; WIDDOWSON, Peter; BROOKER, Peter. **A reader's guide to contemporary literary theory**. Routledge, 2013.

SENA, Jorge de. **A literatura inglesa**. Lisboa: Edições Colibri, 1989.

SEWELL, Elizabeth. Lewis Carroll and TS Eliot as Nonsense Poets. **TS Eliot: A collection of critical essays**, p. 65-72, 1962.

SHARKEY, John J. (Ed.). **Mindplay: an anthology of British concrete poetry**. (47 Dean St., W. 1), Lorrimer Publishing Limited, 1971.

SHAVIT, Zohar. **Poetics of children's literature**. University of Georgia Press, 2009.

SHONODA, Mary-Anne. Metaphor and Intertextuality: A Cognitive Approach to Intertextual Meaning-Making in Metafictional Fantasy Novels. **International Research in Children's Literature**, vol. 5, nº 1, p. 81-96, jul. 2012.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.23- 57.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing**. Princeton University Press, 1999.

SHOWALTER, Elaine. **The female malady: Women, madness, and English culture, 1830-1980**. 1985.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura inglesa para brasileiros: curso completo de cultura e literatura inglesa para estudantes brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

SILVA-DÍAZ, María Cecilia. Picturebooks, lies and mindreading. **Barnelitterært Forskningstidsskrift**, vol. 6, nº 1, p. 26972, jan. 2015.

SILVEY, Anita. **The essential guide to children's books and their creators**. Houghton Mifflin Harcourt, 2002.

SINDER, Antoneli Matos Belli. **Ficções de infância: Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Numa Editora, 2018.

SMITH, Victoria Ford. **Between Generations: Collaborative Authorship in the Golden Age of Children's Literature**. Univ. Press of Mississippi, 2017.

SOLOSKI, Alexis. Who's Afraid of Gertrude Stein. *The Guardian*, 2009. Disponível em: <<<https://www.theguardian.com/stage/theatreblog/2009/jun/12/gertrude-stein>>>. Acesso em 10 dez 2021.

SONCINI, Gabriela Regina. CONTO MARAVILHOSO, FÁBULA E AQUARELA: A OBRA DE BEATRIX POTTER E A DIVERSIDADE NO OLHAR PARA A LITERATURA INFANTIL. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 18, n. 29, p. 137-151, 2019.

SOUZA, Adriana Soares Freitas de et al. **Teoria da mente e contação de histórias: uma intervenção com professoras e alunos na Educação Infantil**. 2015. 291 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015..

STALLWORTHY, Jon; RAMAZANI, Jahan. Modernism. In: GREENBLATT, Stephen; CHRIST, Carol T. (Ed.). *The Norton anthology of English literature*. WW Norton & Company, 2012.

STALLWORTHY, Jon; RAMAZANI, Jahan. The Twentieth Century and After. **Introduction. The Norton Anthology of English Literature**. Ed. Stephen Greenblatt and MH Abrams. 8th ed. Vol. F. New York: WW Norton & Company, p. 1827-847, 2006.

STARR, Gabrielle. Cognitive Literary Criticism. In: RICHTER, David H. (org.) **A Companion to Literary Theory**. s/d: Blackwell, 2018.

STEIN, G. **First Reader and Three Plays**. Il. Francis Rose. Dublin, London: Maurice Fridberg, 1946.

- STEIN, G. **First Reader**. Il. Günter Brus. s/c: Ritter, 2001.
- STEIN, G. **O Mundo é Redondo**. Il. Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2020.
- STEIN, G. **Para fazer um livro de alfabetos e aniversários**. São Paulo: Iluminuras, 2017.
- STEIN, G. **The World is Round**. Il. Clement Hurd. New York: HarperCollins, 2013.
- STEIN, G. **The World is Round**. Il. Francis Rose. New York: Haskell House, 1965.
- STEIN, G. **To Do: a book of alphabets and birthdays**. Il. Gisele Potter. Hong Kong: Yale University Press, 2011.
- STEIN, Gertrude. **Lectures in America**. Boston: Beacon Press, 1985.
- STEIN, Gertrude. **O Mundo é Redondo**. São Paulo: Iluminuras, 2020.
- STEIN, Gertrude. **Para fazer um livro de alfabetos e aniversários**. São Paulo: Iluminuras, 2017.
- STEIN, Gertrude. **Picasso**. New York: Dover Publications, 1984.
- STEIN, Gertrude. **The Autobiography of Alice B Toklas**. New York: Random House Publishing Group. Edição do Kindle, 1993.
- STEIN, Gertrude. **The Gertrude Stein First Reader and Three Plays**. Boston: Houghton
- STEIN, Gertrude. *To Do: a Book of Alphabets and Birthdays*. STEIN, Gertrude. **To Do: A Book of Alphabets and Birthdays**. s/c: Yale University Press, 2011.
- STEINBERG, Peter. A Celebration, this is Sylvia Plath. Disponível em: << <https://www.sylviaplath.info/> >>. Acesso em 21 fev. 2019.
- STEPHENS, John. Schemas and Scripts: Cognitive Instruments and the Representation of Cultural Diversity in Children's Literature. In: MALLAN, Kerry; BRADFORD, Clare. **Contemporary Children's Literature and Film**. [S. l.]: Macmillan Education UK, 2011.
- STEPHENS, John; MCCALLUM, Robyn. **Retelling stories, framing culture: traditional story and metanarratives in children's literature**. Routledge, 2013.
- STIFTER, A. **Rock Crystal - A Christmas Tale**. New York: Pantheon, 1945.
- STOCKWELL, Peter. **The language of surrealism**. Macmillan International Higher Education, 2016.
- STOCKWELL, Peter. **Cognitive poetics: An introduction**. Oxon, New York: Routledge, 2002.
- STYLES, Morag; ARIZPE, Evelyn. A gorilla with 'Grandpa's Eyes': How children interpret visual texts—A case study of Anthony Browne's Zoo. **Children's Literature in Education**, v. 32, n. 4, p. 261-281, 2001.

SUTHERLAND, Donald; STEIN, Gertrude. **Yale Edition of the Unpublished Writings of Gertrude Stein, Under the General Editorship of Carl Van Vechten with and Advisory Committee of Donald Gallup, Donald Sutherland and Thornton Wilder.** Yale University Press, 1951.

SVENSSON, Sonja. Equal but Different? The Incorporation of Children's Books in National Histories of Literature. **Maria Nikolajeva: Aspects and Issues in the History of Children's Literature**, p. 57-61, 1995.

TASSIN, Algernon. Books for children. In: **Cambridge history of American literature**, 1918.

THACKER, Deborah Cogan; WEBB, Jean. **Introducing children's literature: from Romanticism to Postmodernism.** s/c: Psychology Press, 2002.

THOMAS, D. **A Child's Christmas in Wales.** Il. Trina Schart Hyman. New York: Holiday House, 1985.

THOMAS, D. **A Visit to Grandpa's and other stories.** Il. Robin Jacques. London e Melbourne: J.M. Dent & Sons Ltd., 1984.

THOMAS, D. **Fern Hill.** Il. Murray Kimber. Alberta: Red Deer College Press, 1997.

THWAITE, M. **From Primer to Pleasure in Reading**, 2nd edn (first edn published 1963). London: Library Association, 1972.

TIGGES, Wim. **An anatomy of literary nonsense.** s/c: Rodopi, 1988.

TJUPA, Valerij. Heteroglosia. Disponível em: <[lhn.sub.uni-hamburg.de/index.php/Heteroglossia.html](http://lhn.sub.uni-hamburg.de/index.php/Heteroglossia.html)>. Acesso em 20 jun 2021.

TOKLAS, Alice B.. **The Alice B. Toklas Cook Book.** United States: HarperCollins, 2021.

TOLKIEN, J. R. R. **Tree and leaf.** Boston, MA: Houghton Mifflin. 1965.

TOLKIEN, J.R.R. **Sobre Histórias de Fadas.** São Paulo: Conrad, 2006.

TOWNSEND, John Rowe. **Written for children:** An outline of English-language children's literature. Oxford: Rowman & Littlefield, 1996.

TRAVIS, Molly Abel. **Reading cultures: The construction of readers in the twentieth century.** SIU Press, 1998.

TRITES, Roberta S. Cognitive Narratology and Adolescent Fiction. BEAUVAIS, Clémentine (Ed.). **Edinburgh Companion to Children's Literature.** Edinburgh University Press, 2017.

TRITES, Roberta S. **Disturbing the universe:** Power and repression in adolescent literature. University of Iowa Press, 1998.

TRITES, Roberta Seelinger. Growth in adolescent literature: Metaphors, scripts, and cognitive narratology. **International Research in Children's Literature**, v. 5, n. 1, p. 64-80, 2012.

TRITES, Roberta. **Literary conceptualizations of Growth: Metaphors and cognition in adolescent literature.** John Benjamins Publishing Company, 2014.

TURNER, M. The Cognitive Study of Art, Language, and Literature. **Poetics Today**, vol. 23, n° 1, p. 9–20, 1 mar. 2002.

TURNER, Mark. Poetry: Metaphor and the Conceptual Context of Invention. In: RICHTER, David H. **The Critical Tradition: Classic Texts and Contemporary Trends.** Boston, New York: Bedford/St. Martin's, 2006.

VAN DYNE, Susan R. **The problem of biography.** s/d, 2006.

VENTURA, Susana. **Sete contos que nunca me contaram: Contos de fadas pensados, ouvidos, escritos e recontados por mulheres.** São Paulo: Biruta, 2022.

VERMEULE, Blakey. Gossip and literary narrative. **Philosophy and Literature**, v. 30, n. 1, p. 102-117, 2006.

VERMEULE, Blakey. **Why do we care about literary characters?** Baltimore: JHU Press, 2010.

VERONA, Stéfani Oliveira; ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. DO COELHO ESPERTO À RATINHA CORAJOSA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NAS HISTÓRIAS INFANTIS DE BEATRIX POTTER. **História: Questões & Debates**, v. 67, n. 1, p. 165-195, 2018.

VIGUERS, Ruth Hill et al. **A Critical History of Children's Literature.** s/d.1953.

WALLER, Alison; FALCUS, Sarah. Life Stages. **International Research in Children's Literature**, v. 14, n. 3, p. 245-251, 2021.

WARD, Adolphus William; WALLER, Alfred Rayney. **The Cambridge history of English literature.** The University Press, 1914.

WARNER, Eric (Ed.). **Virginia Woolf: A Centenary Perspective.** Springer, 1984.

WARREN, Austin. Carroll and his Alice books. **Sewanee Review Sewanee, Tenn**, v. 88, n. 3, p. 331-353, 1980.

WATSON, Dana Cairns. Building a Better Reader: The Gertrude Stein First Reader and Three Plays. **The Lion and the Unicorn**, v. 35, n. 3, p. 245-266, 2011.

WATSON, Dana Cairns. **Gertrude Stein and the Essence of what Happens.** Nashville: Vanderbilt University Press, 2005.

WELD, Sara Pankenier. **An Ecology of the Russian Avant-Garde Picturebook.** John Benjamins Publishing Company, 2018.

WELD, Sara Pankenier; MORSON, Gary Saul. **Voiceless Vanguard: The Infantalist Aesthetic of the Russian Avant-Garde.** Northwestern University Press, 2014.

WESTMAN, Karin E. Children's Literature and Modernism: The Space Between. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 32, n. 4, p. 283-286, 2007.

WESTMAN, Karin E. Perspective, Memory, and Moral Authority: The Legacy of Jane Austen in JK Rowling's Harry Potter. **Children's Literature**, v. 35, n. 1, p. 145-165, 2007.

WILL, Barbara. "And Then One Day There Was a War": Gertrude Stein, Children's Literature, and World War II. *Children's Literature Association Quarterly*, v. 32, n. 4, p. 340-353, 2007.

WILL, Barbara. **Unlikely Collaboration**: Gertrude Stein, Bernard Faÿ, and the Vichy Dilemma. Columbia University Press, 2011.

WILLIAMS, W.C. **Poetry for Children**. Union Square Kids: 2003.

WILSON, R. **A pocket of time**: the poetic childhood of Elizabeth Bishop. Il. Emma Fitzgerald. Wolfville, Nova Scotia: Nimbus Publishing Ltd., [2019]

WINTER, J. **Gertrude is Gertrude is Gertrude is Gertrude**. Il. Calef Brown. New York: Atheneum Books for Young Readers, 2009.

WINTER, Jonah. **Gertrude is Gertrude is Gertrude is Gertrude**. Ilustrado por Calef Brown. Atheneum Books for Young Readers, 2009.

WOOLF, V. **A Cortina da Babá Lugton**. Il. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

WOOLF, V. **A Viúva e o Papagaio**. Porto: Porto Editora, 2015.

WOOLF, V. **Flush**. Il. Katyuli Lloyd. Minas Gerais: Autêntica, 2016.

WOOLF, V. **Flush**: biografia de um cão. Il. Iraxte López de Munáin. Porto: Livros do Brasil, 2021.

WOOLF, V. **Nurse Lugton's Curtain**. Il. Julie Vivas. San Diego, New York, London: Harcourt Brace Jovanovich, 1991.

WOOLF, V. **Nurse Lugton's Golden Thimble**. Il. Duncan Grant. London: Hogarth Press, 1966.

WOOLF, V. **The Widow and the Parrot**. Il. Julian Bell. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1988.

WOOLF, V.; BELL, Q. **Charleston Bulletin Supplements**. London: The British Library, 2013.

WOOLF, Virginia. **Contos Completos**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

WOOLF, Virginia. Lewis Carroll. In.: CARROLL, Lewis. **Através do Espelho**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WOOLF, Virginia. Modern fiction. **The common reader**, v. 1, p. 146-154, 1925.

YEATS, W.B. **The moon spun round** W. B. Yeats for children. Il. Shona Macdonald. Dublin: The O'Brien Press, 2016

YEATS, W.B. **Fairy Tales of Ireland**. London: HarperCollins, 1993.

YOUNG, TIMOTHY. Introduction. In: STEIN, Gertrude. **To Do: a Book of Alphabets and Birthdays**. s/c: Yale University Press, 2011.

ZANOTO, Sérgio Augusto. **As Alices brasileiras: um estudo comparativo das traduções, do inglês para o português, de excertos aleatoriamente escolhidos de Alice's adventures in Wonderland e Through the looking-glass and what Alice found there**. 2001, 126f. 2001. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis.

ZAPICO, A. **Gente de Dublin**. [Portugal]:Levoir, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. Duas Décadas De Amadurecimento. **EntreLetras**, v. 10, n. 2, p. 6-16, 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; DE CARVALHO, Diógenes Buenos Aires (Ed.). **Estudos de gênero e literatura para crianças e jovens: um diálogo pertinente**. EDUCS-Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2015.

ZIPES, Jack et. al. (Editores). **The Norton Anthology of Children's Literature**. New York: W. W. Norton, 2005.

ZIPES, Jack. Et al. **The Norton Antology of Children's Literature: the traditions in English**. New York, London: Norton, 2005.

ZUNSHINE, Lisa (Ed.). **The Oxford handbook of cognitive literary studies**. Oxford: University Press, 2015.

ZUNSHINE, Lisa. **Bibliography for Cognitive Literary Studies**. Disponível em: < [https://www.academia.edu/17855983/Bibliography\\_for\\_Cognitive\\_Literary\\_and\\_Cultural\\_Studies\\_in\\_progress\\_updated\\_regularly\\_](https://www.academia.edu/17855983/Bibliography_for_Cognitive_Literary_and_Cultural_Studies_in_progress_updated_regularly_) >. Acesso em 20 dez 2021.

ZUNSHINE, Lisa. From the " From the Social to the Literary: Approaching Cao Xueqin's The Story of the Stone (Honglou meng 紅樓夢) from a Cognitive Perspective. **The Oxford handbook of cognitive literary studies**, p. 176-196, 2015.

ZUNSHINE, Lisa. Sociocognitive complexity. In: **Novel: A Forum on Fiction**. Duke University Press, 2012. p. 13-18.

ZUNSHINE, Lisa. The secret life of fiction. **PMLA**, v. 130, n. 3, p. 724-731, 2015.

ZUNSHINE, Lisa. Theory of Mind and Experimental Representations of Fictional Consciousness. RICHTER, David H. **The Critical Tradition: Classic Texts and Contemporary Trends**. Boston, New York: Bedford/St. Martin's, 2006.

ZUNSHINE, Lisa. Theory of mind and fictions of embodied transparency. **Narrative**, v. 16, n. 1, p. 65-92, 2008.

ZUNSHINE, Lisa. Theory of Mind as a pedagogical tool. **Interdisciplinary Literary Studies**, v. 16, n. 1, p. 89-109, 2014.

ZUNSHINE, Lisa. What Mary Poppins Knew: Theory of Mind, Children's Literature, History. **Narrative**, v. 27, n. 1, p. 1-29, 2019.

ZUNSHINE, Lisa. **Why we read fiction:** Theory of mind and the novel. s/d: Ohio State University Press, 2006.